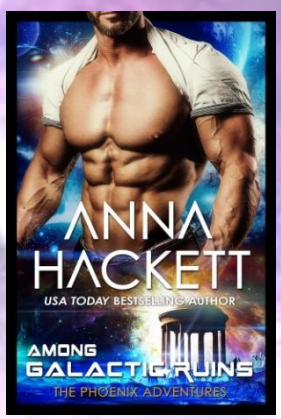

H
ANNA HACKETT
THE PHOENIX ADVENTURES
BENEATH A TROJAN MOON



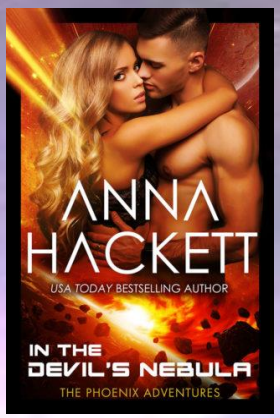
EXCLUSIVE STARS BOOKS

THE PHOENIX ADVENTURES

ANNA HACKETT

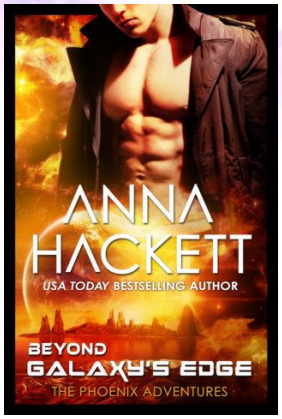


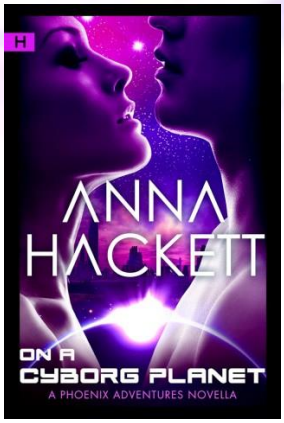


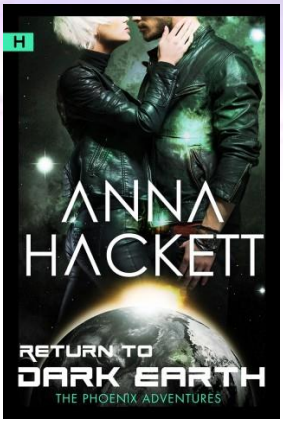




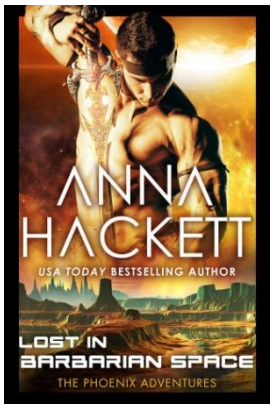


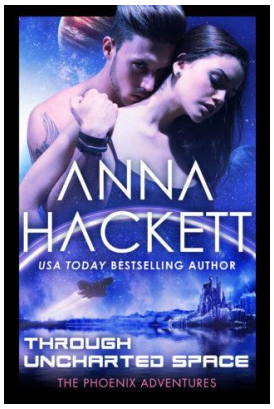


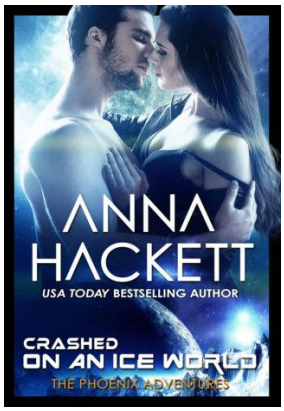












DOCUMENTO OFICIAL

Serviços de segurança galáctica

Registro Histórico # B54-99-727

Assunto: Resumo - Vega-Lyrans

Corrida: Vega-Lyrans

Origem: Vega Star System

Descrição: Raça humanóide com afinidade avançada à energia e habilidades psiônicas avançadas.Para uma lista detalhada de habilidades, consulte o registro classificado # F95-12-843

Avaliação de segurança: risco muito alto

Status: Caçado à extinção. Na época em que esse registro foi criado, nenhum Vega-Lyran verificado foi detido pelo GSS por mais de um século.

CAPÍTULO UM

Os lucros estavam altos.

Relda Dela-Cruz sorriu quando bateu uma longa unha vermelha na tela do comunicador da Sync, estudando os números de seu negócio de adivinhação. Do lado de fora de sua tenda, ela ouviu os sons agitados do mercado começando a se aquietar. O crepúsculo caíra e as luas de Souk estariam em ascensão.

A mudança para o mercado do planeta Souk, há quatro anos, foi claramente uma excelente decisão. Ela amava o charme do mundo antigo do planeta e preferia isso aos mundos de megacidade de vidro e aço dos sistemas centrais.

Suas duas lojas aqui na capital do planeta, Medina, estavam indo muito bem. Ela tocou a tela para estudar a próxima página de informações. Seus novos ramos nas cidades vizinhas ainda não estavam no escuro. Mas eles estavam perto.

Souk estava situado não muito longe da borda da galáxia, um local perfeito para atender os exploradores e aventureiros indo em direção ao espaço desconhecido. Ela sorriu. E, enquanto compravam suprimentos ou contratavam tripulação, gostavam de saber sobre seu destino antes de partirem para o desconhecido.

Relda recostou-se nas almofadas de pelúcia espalhadas pelo chão de sua tenda. O doce aroma do incenso que ela adorava queimar enchia o ar, o teto da tenda se inclinava para baixo e, em uma mesa próxima, um belo orbe do tamanho de uma VelocityBall brilhava em prateado.

Todos os enfeites eram para seus clientes. Quando as pessoas descobriam seu destino, esperavam ouvir isso em um ambiente como esse. A antiga arte da adivinhação era uma antiga tradição da antiga

Terra. A destruição do planeta na Grande Guerra Terrestre, milênios atrás, não matou a necessidade de esperança das pessoas.

Naturalmente, Relda sabia que a maioria de seus clientes não acreditava realmente no que ela dizia ser verdade. Eles vinham em busca desse lampejo de esperança. Eles queriam acreditar que o que os faziam infelizes ia mudar, melhorar.

Para alguns, a vida prometia coisas maravilhosas, um companheiro, família, filhos, riqueza, sucesso. Para outros, não havia final feliz. Ela sabia disso melhor que a maioria.

A dor era uma picada amarga em seu coração. Irritada consigo mesma, ela colocou seu Sync de lado e se levantou. Ela precisava de um pouco de chá. Algo calmante. A faixa em volta da cintura, adornada com moedas de ouro batidas, tilintava. Suas saias vermelhas cheias roçaram suas pernas e ela cavou os dedos no tapete felpudo, aproveitando a sensação decadente.

O que seus clientes não sabiam, o que seus colegas feirantes não sabiam, era que toda previsão que Relda dava era verdadeira.

Ver o futuro, ler as auras de energia que cercavam todos os seres vivos, estava entre suas habilidades menos poderosas.

E nenhum deles jamais saberia a verdade.

Ela cometeu o erro de confiar em alguém com sua identidade uma vez. Isso não aconteceria novamente.

Ela se mudou para a pequena área cercada por uma parede de tecido colorido e pediu um chá da pequena impressora de alimentos sobre a mesa. Luzes brilharam e a máquina emitiu um beep discreto. Pegando a pequena caneca verde, ela deixou o tecido voltar ao lugar. Não poderia ter tecnologia estragando o efeito de sua tenda.

O vapor perfumado subiu e ela respirou fundo, apreciando os aromas de zhoma-berry e taxx root. Tomando um gole, ela voltou para a área principal, saboreando o sabor quente e picante.

O passado não detinha mais poder sobre ela. E apesar de seu futuro nunca conter as coisas que ela esperava, sua vida era exatamente como ela gostava. Ela tinha um negócio próspero, recebia amantes quando lhe convinha e se cercava dos pequenos prazeres que apreciava.

Ela tomou outro gole de chá e, com a outra mão, levantou a massa de cachos escuros da nuca. Ela precisava acabar com essas finanças e depois ir para casa tomar um longo e quente banho de espuma.

De repente, o retalho de sua tenda foi jogado para trás e um corpo caiu para dentro. Relda quase derramou chá quente sobre a blusa branca.

— Relda!

Alia tinha dezoito anos, com um corpo comprido, magro e um rosto belíssimo. Ela estava morando nas ruas, mal conseguindo evitar os homens que atacavam os vulneráveis, por mais de um ano, quando a Relda a pegou tentando roubar os chocolates Vedian favoritos de Relda na parte de trás da barraca.

Ela agora dirigia a segunda tenda de Relda no mercado.

— Alia, querida. Você está bem? — Relda colocou o chá em uma mesa baixa e se levantou e estendeu a mão.

A aura da garota estava tingida por faixas laranja e preto. Estressada e com medo.

Alia assentiu, mas depois de uma boa olhada no rosto da menina, o estômago de Relda se endureceu de raiva. Todo o lado esquerdo do rosto de Alia estava inchado. Provavelmente iria doer antes que a Relda a levasse a um medbooth para curá-la.

— Relda … — um soluço sufocado — Me desculpe.

Relda puxou a menina em seus braços. — Diga-me o que aconteceu.

— A tenda, todas as suas coisas bonitas ... elas estão arruinadas. — Alia deu um grito soluçado.

— São apenas coisas, querida. Quem fez isto? — Uma vez que ela soubesse, ela os separaria em pequenos pedaços minúsculos.

— Dois homens. Eles pensaram que eu era você. Me chamando ... me chamando de Relda. — Alia franziu a testa. — Eles estavam atrás de alguma coisa.

Um calafrio varreu Relda, mas antes que ela pudesse perguntar mais, ela sentiu que não estavam mais sozinhas.

Dois homens estavam na porta.

Ela se virou e inclinou o quadril.

— Sinto muito, senhores, estou fechada para o dia. — Pelo jeito que Alia choramingou, Relda não precisou perguntar se eram esses os homens que a machucaram.

O maior deles deu um passo à frente. Ele era de uma espécie aquática com grandes olhos e guelras no lado do pescoço. Sua aura era principalmente verde e amarela, ele estava alerta e cauteloso.

— Não estamos aqui por uma fortuna, estamos aqui pela joia. Você coopera e eu não vou tirar minha arma.

O outro homem circulou ao redor. Ele era um humanóide regular, sem características distintivas, exceto por seu cheiro desagradável, suor e sujeira. Sua energia era de um marrom lamacento, com listras de luz verde. Imoral e ganancioso.

— A Trojan Moon. Cadê? — Seu sotaque com espessura.

Ah não. O estômago de Relda se apertou. — Eu não tenho idéia do que você está falando.

— Sem jogos. Nós ouvimos que foi vista aqui com você. Entregue-o.

Relda forçou a respiração para ficar quieta. Ela precisava de uma arma. Ela tinha uma, muito poderosa e perigosa, mas não ousava usá-la.

Em vez disso, ela se inclinou para o lado e pegou sua lâmpada favorita. A luz linda e esguia tinha uma base forte. Ela testou seu peso, conseguindo uma boa aderência.

— Apenas entregue a lua e não vamos machucá-la. — disse Smelly Man.

Mas Relda não era idiota, ela ouvia o tom ansioso em sua voz. Ele queria machucá-las, ele iria gostar. Alia era dela para proteger, e Relda não tinha escrúpulos em fazê-lo.

— Senhores, vocês não são bem vindos aqui. Última chance para sair.

O aquático riu, um som abafado que arrancou outro gemido de Alia.

Relda se moveu rapidamente, saltando para frente e balançando a lâmpada ao mesmo tempo. Ligou-se à cabeça do aquático. Um baque duro e ele caiu, o olhar surpreso em seu rosto quase cômico.

O Smelly Man atacou Relda por trás e eles deslizaram pelo tapete. Ela atirou o cotovelo para trás, pegando-o no rosto. Ele rugiu e Relda conseguiu empurrá-lo dela.

Ele veio para ela novamente e, porra, suas saias estavam emaranhadas em torno de suas pernas. Ela chutou, tentando se libertar. O homem saiu com um grande punho, mas Relda rolou. Ela evitou o golpe, mas bateu em uma mesa lateral. Derrubou, derramando todos

os seus lindos enfeites e velas no chão. Algumas saltaram pelo tapete, outras quebraram em um vidro.

O homem rugiu.

— Eu vou estragar você, vadia. — Ele chutou para fora, pegando a mesa baixa. Ele virou, seu chá derramando no tapete.

Relda ficou de pé. Ela ainda segurava os restos da lâmpada, raiva justa quente em seu sangue. Ela balançou novamente, todo seu peso em suas pernas.

Atingiu o homem ao seu lado. Ele uivou. — Você quebrou minhas costelas!

Relda apontou para a cabeça, mas desta vez o homem se abaixou. Ele se lançou para frente e agarrou o cabelo dela. Ele puxou-a e dor explodiu em seu couro cabeludo, as lágrimas picando seus olhos.

Ela se virou, ignorando a picada. Ela levantou o joelho e o colocou na virilha do homem.

Desta vez ele não fez barulho, apenas caiu no chão, contorcendo-se enquanto se agarrava. Sua boca estava aberta com um grito silencioso.

De repente, gritos soaram fora da tenda.

— Limpem o caminho, o Marshal e seus homens estão chegando!

— O Marshal está chegando!

As mãos de Relda se flexionaram na lâmpada, o peito arfando.

— Eu mandei Bindi buscar o Marshal — disse Alia de onde ela se amontoou do outro lado da tenda.

— Boa menina — Relda lançou um sorriso a Alia e lutou para acalmar sua respiração.

Sem aviso, o aquático saltou para seus pés. Ele bateu em Relda, empurrando-a para o lado da tenda. Quando Relda conseguiu o equilíbrio, o aquático pegou o amigo e jogou-o por cima de um ombro largo. Ele lançou-lhe um olhar mordaz antes de arrancar uma faca, abrir sua barraca e mergulhar através do corte.

Droga, eles estavam fugindo.

Relda sentiu um arrepio na nuca. Seu poder queria sair. Ela poderia detê-los. Isto seria tão fácil.

Não. Ela fechou os olhos e lutou contra o desejo de vo.

Segundos depois, a porta se abriu e um homem alto parou na abertura antes de se endireitar.

Relda conseguiu manter seu rosto em branco, mas por dentro o seu gemido mental foi alto e longo. De todos os homens que ela queria aqui agora, este não estava na lista.

O novo Marshal de Medina era grande. Ela imaginava que ele tinha cerca de 1,85m pela maneira como sua cabeça quase roçava o topo da barraca. Seus ombros eram largos, suas pernas eram grossas e musculosas, suas mãos grandes seguravam um rifle de laser com facilidade praticada ... tudo nele era grande. Um pensamento astuto torceu através de seu cérebro que ele provavelmente era grande em outros lugares também.

Seu corpo estava envolto em calças pretas de carga e uma camisa branca engomada que estava coberta por algum tipo de colete preto que parecia vagamente militar para Relda. Tinha muitos bolsos e, afixada à frente, estava a brilhante estrela prateada do Gabinete do Marshal.

E sua aura ... bem, sempre a deixava um pouco sem fôlego quando a via. Os belos tons de azul de alguém que sabia quem ele era, centrado, protetor, sólido. E sempre que ele olhava para ela, ela via as sedutoras manchas vermelhas aparecerem. Calor e desejo.

Atrás dele, dois policiais uniformizados e uma menininha entraram. O Marshal assentiu com a cabeça para a parte de trás da tenda e o mais alto dos dois ajudantes desapareceu pela abertura.

A criança correu para a frente, desviando do Marshal para passar pelas pernas de Relda. Bindi era uma das meninas de rua de Medina. Por ter sete anos de idade, Relda pagava a garota para passar mensagens entre suas tendas. Relda poderia usar seu Sync para contatar seus funcionários, mas as crianças da rua precisavam do dinheiro.

Relda mal conseguiu se impedir de escovar os cachos loiros que escapavam do boné sujo de Bindi. Relda sabia que a garota não gostava de ser tocada.

— Obrigada por ir chamar ajuda, Bindi. Você pode se sentar com Alia?

Com um aceno de cabeça, Bindi correu para se sentar ao lado de Alia.

— Srta. Dela-Cruz, parece que você teve alguns problemas. — O olhar azul do Marshal tomou conta da barraca e depois pairou no rosto machucado de Alia. Enquanto pendurava o rifle por cima do ombro, um músculo em sua mandíbula pulsava.

— Você é um mestre do eufemismo, Marshal Calder.

Seu rosto era muito robusto para ser chamado de bonito, mas havia uma resistência sólida que era atraente. Sobrancelhas escuras cortavam os olhos azuis pálidos, como lascas de gelo. Ela sabia que, com um olhar de relance, catalogara tudo na tenda e poderia listar o que estava quebrado e todos os ferimentos de Alia.

Ele levantou uma sobrancelha. — Você vai me bater com isso?

Relda piscou e percebeu que ainda segurava a lâmpada. Deixou cair e correu para Bindi e Alia. Suavemente, ela colocou um braço ao redor dos ombros finos de Alia.

O Marshal se agachou ao lado delas. Ele havia se mudado recentemente para Souk para assumir o papel de Marshal em Medina depois de se aposentar dos Serviços de Segurança Galáctica. Ela ouviu todos os tipos de rumores sobre ele, mas a maioria disse que ele era algum tipo de soldado das Forças Especiais.

Olhando para ele, ela acreditava nisso. Não era apenas o seu olhar duro, era a maneira como ele se movia. Controlado e preparado para qualquer coisa. E seu olhar atento não perdia nada. Quando ele começou o trabalho, ele visitou o mercado e conheceu todos os donos de barracas. Ela o fez chá, o qual ele tomou um gole suspeito antes de beber. E pela primeira vez, Relda não tinha puxado sua rotina habitual de flerte.

O Marshal Calder não era alguém que ela queria ter a notando.

Ela tinha segredos que ela queria manter escondidos. E ele era o homem que cavava até descobrir tudo.

— Dois homens atacaram Alia. Eu preciso levá-la a um medbooth.

— Relda lutou contra eles. — A voz de Alia estava um pouco trêmula, mas afiada com admiração. — Ela foi incrível. Não tem medo de jeito nenhum.

Calder olhou para Relda por um segundo, seus olhos brilhando antes de olhar de novo para a jovem ferida. — Eu não estou surpreso em ouvir isso. Alia, eu tenho algumas perguntas rápidas, então vamos levá-la para um medbooth, ok?

Seu tom suavizou enquanto ele passava por suas perguntas, como eram os homens, o que eles queriam, o que eles tinham feito. Seu estilo relaxado parecia acalmar Alia. Ela respondeu com voz trêmula, mas felizmente suas lágrimas secaram.

Calder passou por todos os passos do ataque, tomando notas no Sync que ele tirou de um dos bolsos. Ele estava muito focado no que os homens queriam. Relda conseguiu manter o rosto em branco.

A Trojan Moon.

Como alguém poderia ter reconhecido isso?

E o que ela iria fazer sobre essa bagunça?

— Tudo bem … — Calder escondeu o Sync — Amanhã eu preciso que vá ao meu escritório e trabalhe com o meu artista. Eu quero imagens desses invasores.

Alia assentiu.

Calder olhou por cima do ombro para o policial em pé na entrada da porta. — Adjunto Hasan, você pode por favor levar a Sra. Alia para o medbooth mais próximo?

Relda se agitou. — Eu posso levá-la …

— Eu tenho mais algumas perguntas para você, Srta. Dela-Cruz.

Seu tom endureceu e seu olhar disse que queria falar com ela sozinho.

Resignada, Relda endireitou os ombros e assentiu.

O jovem policial se apressou para frente. — Claro.

Relda fluiu para o ato que ela aperfeiçoou ao longo dos anos. Ela atirou ao menino um sorriso sonolento e agarrou a mão dele. — Agora, você vai cuidar da minha menina, não vai, Adjunto Hasan?

Seu rosto ficou vermelho e ele gaguejou. — Sim, senhora.

Ela apertou os dedos dele. — Eu sabia que você faria. Obrigada.

Alia hesitou por um momento, mas alguma coisa no policial novato deve tê-la acalmado porque ela aceitou a mão dele. Com um último olhar para a Relda, Alia deixou o Adjunto Hasan levá-la da tenda.

Relda afundou nas almofadas, tentando ficar relaxada. Ela sabia que precisava de toda a sua inteligência para lidar com o Marshal Calder.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Nenhum sorriso paquerador para mim?

Ela colocou um cacho atrás da orelha. — Algo me diz que seria ignorado por você. — Ele não era o tipo de homem que corava e gaguejava por causa do sorriso de uma mulher.

Os cantos de sua boca se levantaram por um breve momento. — Você pode se surpreender.

Aquele pequeno sorriso inesperado transformou seu rosto duro. Relda sentiu uma onda de calor em sua pele.

Oh não. Ela não se sentia atraída por esse homem. De jeito nenhum.

Seus olhos estavam suaves olhando para ela por um segundo antes de se tornarem duros novamente. — Você está ferida em algum lugar que eu não posso ver?

Uma imagem traidora dele descascando suas roupas e examinando cada centímetro de sua pele fez o calor se intensificar. — Não.

Ele assentiu. — Ok, então eu tenho uma pergunta para você. O que é a Trojan Moon?

CAPÍTULO DOIS

Relda Dela-Cruz era uma das mulheres mais impressionantes que Hunt Calder já havia visto.

Uma massa de cachos castanhos caía em cascata sobre os ombros magros e implorava que um homem enroscasse as mãos nele. Seu rosto não deveria ser bonito, a linha de sua mandíbula era muito forte, a lâmina do nariz muito afiada. Mas combinada com os olhos amendoados de uma nebulosa profunda verde e marrom cobre, ela era impressionante.

Seus lábios estavam pintados de vermelho vivo, projetados para dar a um homem fantasias. E o corpo dela ... que também lhe dava muitas fantasias.

Ela tinha suas pernas cobertas com saias escorregadias e aquela maldita faixa de moedas que balançava sempre que se movia. Mas o corpo era todo generoso com curvas e tentação, projetado para provocar o pau de um homem.

Ele certamente tinha um pau duro sempre que ele estava a poucos metros dela.

— Eu não tenho idéia do que é a Trojan Moon — ela murmurou, encontrando seu olhar de frente.

Ela era tentadora, mas também era uma mentirosa.

Ela era muito boa nisso. Se ele não a estivesse observando tão intensamente, ele poderia ter perdido a mentira. Mas durante seus anos nas Forças Especiais Galácticas, ele interrogou mais pessoas do que ele gostava de lembrar. Adicionado a isso, ele era Predian e sua raça tinha excepcional audição, olfato, visão e reflexos.

Ele era um especialista em descobrir mentiras. E em Relda, ele detectou a aceleração do seu pulso. E estava em desacordo com o resto dela. Suas mãos não se mexiam, mas acariciavam a borda de uma almofada azul-joias ao seu lado, calma e fácil. Ela não suava nem parecia desconfortável, ela estava perfeitamente composta.

Muito composta.

— Então, você não sabe o que é essa Trojan Moon?

Ela abriu as mãos finas e cobertas de anéis. — A única Trojan Moon que eu conheço está lá em cima. — Ela apontou para cima. — O asteróide capturado chamado Khan está em um dos pontos de estabilidade Lagrangeanos de Souk e co-orbita com a lua maior, Hilal. Isso faz dele um Trojan Satellite. É também o lar dos irmãos Phoenix.

Ela parecia uma maldita professora. E ela ainda estava mentindo.

— Sim, eu sei sobre essa Trojan Moon. — E os infames irmãos caçadores de tesouros que o chamavam de lar. — Mas eu não acho que a lua é o que esses homens estão atrás. — Hunt se aproximou. — É meu trabalho proteger as pessoas de Medina e isso inclui você e suas garotas, Srta. Dela-Cruz. Me ajude aqui. Você não tem nenhum tipo de artefato que possa ser considerado uma lua?

Ela encolheu os ombros. — Tenho várias orbes nas minhas tendas, para decoração.

Ele olhou para a bola rosa prateada em uma pequena mesa próxima. De alguma forma, havia escapado da destruição. — Você não as usa para ... prever o futuro?

Relda inclinou a cabeça, seus olhos verdes se estreitando. — Você não acredita que as pessoas têm a capacidade de ver o futuro, Marshal?

— Eu pesquisei você. — Ele viu um breve clarão de algo nos olhos dela antes que ela o escondesse. Curioso. O que a adorável Srta. Dela-

Cruz não queria que ele encontrasse em seu passado? — Você aceita garotas desfavorecidas que, de outro modo, teriam que se virar para trabalhar como trabalhadoras do prazer nas ruas. Você lhes dá um lugar para ficar em sua casa perto do mercado. E você lhes dá empregos, trabalhando em suas barracas. Eu não acho que elas possam dizer o futuro mais do que eu posso. Você as treina para dar às pessoas exatamente o que seus clientes querem, e você faz isso em um ambiente muito bonito e encenado.

Ela se mexeu nas almofadas. — Eu conheço minha marca.

— Sim. Você conhece. — Ele notou que ela nunca flertou com ele. Em torno de qualquer outro homem, jovem ou velho, ela sorria misteriosamente, inclinava a cabeça e tremulava os cílios. No começo, ele tinha ficado chateado, porque ele tinha um forte desejo de despi-la e envolver suas longas pernas ao redor de seus quadris.

Mas então ele percebeu o que isso realmente significava, porque sempre que ele estava com ela, seu olfato aguçado havia captado o indício mais fraco e tentador de sua excitação.

Ele a achava fascinante. Ela vestia-se de muitas formas diferentes cartomante, empresária, mulher paquera, salvadora de meninas desfavorecidas. Ele não sabia qual era a verdadeira Relda, mas suspeitava que ainda não a tivesse visto.

Seu instinto dizia que ela não mostrava a verdadeira Relda a ninguém.

Ele também estava interessado no fato de que, quando ele fez buscas sobre dela, não encontrou nenhuma referência de uma Relda Dela-Cruz antes dela aparecer em Souk, quatro anos atrás.

Sim, ela era um mistério sexy que ele queria descobrir.

Mas primeiro, ele tinha que mantê-la viva.

— Vou fazer buscas sobre a Trojan Moon. Tem certeza de que não há nada que você queira me dizer antes de eu fazer isso?

Ela ergueu o queixo. — Tenho certeza.

Então, ela pensou que ele viria sem nada. Ok, linda, vamos ver.

Ela ficou com a graça elegante de uma dançarina.

— Marshal, eu realmente preciso checar Alia e minhas outras lojas. Não quero que mais dos meus funcionários se machuquem.

Hunt também se levantou e deu um passo para perto dela. Ele notou a maneira como ela endureceu. A maioria das pessoas imaginava que ela não gostava dele, mas seus sentidos captaram seu pulso acelerado, a mudança sutil em seu cheiro.

Ele segurou o queixo dela, inclinando o rosto para cima. — Você precisa ser cuidadosa. Você tem uma arma?

Ela ergueu as sobrancelhas.

Não tão calma, então.

— Não me diga — ele rosnou. — Apenas mantenha-a perto e fique de olho. Vou postar um policial para ficar com você aqui em sua loja e para vigiar sua casa. Você vê qualquer coisa que te preocupa, e eu quero dizer qualquer coisa, diga a ele ou me ligue.

Ela piscou e ele teve a impressão de que ela não estava acostumada com alguém olhando por ela. — Claro, Marshal.

E havia aquele tom frio e composto que ela salvou só para ele. Ele reprimiu um sorriso e passou o polegar pela pele macia do queixo dela, vendo algo cintilar em seus olhos.

— Eu não quero que nada aconteça com você.

Sua boca se abriu. Aqueles lábios vermelhos deliciosos provocando-o.

Ela se inclinou para ele um pouco. Com sua personalidade vívida, ela parecia mais alta, mas o topo de sua cabeça mal chegava ao ombro dele. Seus seios cheios pressionaram contra seu peito e ele amaldiçoou o colete que ele sempre usava.

Ele segurou suas bochechas em suas mãos. — Relda …

A tampa da porta se abriu novamente e Dale Westin, o ajudante que Hunt tinha enviado atrás dos intrusos, retornou. Westin olhou para Hunt tocando Relda, com os olhos arregalados.

Hunt amaldiçoou em voz baixa. Ele relutantemente deixou cair as mãos e recuou. Relda olhou por cima do ombro dele.

— Senhor, nenhum sinal dos homens. E sinto muito, mas houve uma briga no espaçoporto. Uma tripulação de combate está brigando com a tripulação de alguns Starcruisers de luxo que acabaram de desembarcar no porto. O mestre do porto está perguntando por você.

Hunt suspirou. Às vezes ele sentia falta de seus dias das Forças Especiais. Quem sabia que guerras e missões de comando eram mais fáceis de lidar do que os problemas do dia-a-dia em um planeta de mercado?

Ele atirou em Relda um olhar.

— Srta. Dela-Cruz, lembre-se do que eu te disse.

Ela assentiu, toda calma e fria novamente. — Sim, obrigada, Marshal. Eu deveria arrumar essa bagunça.

— Não até que minha equipe forense faça uma varredura.

Ela soltou um suspiro. — Bem.

Ela não ligaria para ele. Mas dane-se, ele não ia deixá-la com um grande e suculento alvo para quem quer que estivesse procurando por ela e essa misteriosa Trojan Moon.

Ele teria um de seus assistentes a vigiando aqui na baia. Mas a noite ...

À noite, ele manteria um olho nela, ele mesmo.

***

Relda endireitou as almofadas da tenda, preparando-se para o último compromisso do dia. Olhando ao redor, ninguém saberia que houve uma briga na noite anterior que tinha rasgado o lugar. Ou que a equipe forense do Marshal Calder tivesse trabalhado a noite inteira, passando os scanners de alta tecnologia em cada centímetro.

Eles não acharam nada útil. Algumas células da pele de um aquático que claramente não tinham um registro.

Esta manhã, ela limpou a tenda, consertou a rachadura na parede e trouxe mais itens decorativos de sua casa.

Com um suspiro, ela parou para tocar uma mão em sua dolorida têmpora. Apesar de Alia ter se curado e se estabelecido na noite anterior, e apesar de ter tomado um longo banho de espuma, Relda não dormiu bem.

Quando ela adormecia, ela tinha pesadelos de homens sem rosto perseguindo-a exigindo a Trojan Moon. Mas o final de cada sonho transformou-se em algo diferente, encontrava-se nos braços fortes do Marshal Hunt Calder.

Calder ... chegou até ela. De formas que ela não deixaria um homem chegar a ela nunca mais. Não, quanto menos visse o Marshal Hunt Calder, melhor.

Ela realmente esperava que os idiotas que a atacaram e Alia não estivessem mais em Souk. Mas Relda tinha desistido de ter esperanças á muito tempo.

Eles viriam pelo o inestimável artefato novamente.

Ela massageou as têmporas e desejou que a dor de cabeça diminuísse o suficiente para levá-la ao último compromisso.

Vozes femininas na entrada de sua tenda disseram que seus clientes haviam chegado.

— Isso é bobagem, Eos.

— Vamos, Ria, vai ser divertido.

Relda convocou um sorriso.

— Senhoras, sejam bem vindas. — Ela assentiu com a cabeça para o policial Westin, em pé como uma estátua protetora do lado de fora da tenda. Ele esteve lá o dia todo. Ele deu um pequeno aceno de cabeça antes de olhar novamente para frente.

Ela se concentrou nas mulheres. Ela reconheceu a bela morena e loira alta e atlética instantaneamente. A maioria das pessoas no mercado sabia dos irmão Phoenix. Os caçadores de tesouros frequentemente compravam seus suprimentos no mercado.

Muitas damas de Soukan ficaram desapontadas quando o mais infame dos irmãos, Dathan, casou-se com a adorável arqueóloga Vedic Eos Rai. Ela ficou sorrindo para Relda, com o cabelo escuro trançado sobre o ombro e os desenhos florais de mehndi visíveis nas mãos cruzadas.

Sua aura tinha muitos tons de rosa, felicidade, calor e amor.

A outra mulher seria a ex-assassina, Ria Dante, agora Phoenix, que se casara com o irmão mais novo Phoenix, Zayn. Seu rosto estava espalhado pelas notícias depois de um escândalo com a Assassin's Guild. Sua aura era um profundo índigo com bordas rosa, relaxada e apaixonada.

Relda as acalmou com chá. — Então, você gostaria de saber o seu futuro?

— Eu não. — Ria tomou um gole de sua bebida. — Acho que saber o que está por vir, se isso fosse possível … — ela lançou um olhar cético a Relda — Não ajuda em nada. Sem ofensa.

Relda não detectou má vontade nas energias vibrantes e saudáveis da mulher. — Nenhuma ofensa tomada. — Relda inclinou a cabeça. — Por que você acha que não é útil?

— Alguns anos atrás, se você tivesse me dito o meu futuro, você teria me dito que eu iria morrer. — Ria segurou as mãos dela. — No entanto, aqui estou eu.

Relda tinha lido sobre as coisas terríveis que aconteceram com a mulher na Nebulosa do Diabo.

— Ponto tomado. — Relda olhou para Eos. — Mas você gostaria de saber o seu futuro?

Eos encolheu os ombros. — Claro, por que não? Quer dizer, eu amo a minha vida e não tenho dúvidas de que meu futuro será cheio de coisas maravilhosas. — Seu olhar ficou um pouco sonhador, um sorriso nos lábios.

Relda não precisava de suas habilidades para saber que a mulher estava pensando em seu marido. Uma pontada aguda atingiu a barriga de Relda. Ela nunca se sentiria assim sobre ninguém. Não podia deixar ninguém chegar perto o suficiente para deixar isso acontecer.

A astro-arqueóloga sorriu.

— Eu acho a história da adivinhação e previsão tão interessante. — Ela levantou a xícara de chá. — Você sabia que existem antigos discos terráqueos que falam sobre ler folhas de chá? Chamava-se tasseomancia.

Ria revirou os olhos. — Ignore-a. Ela fica assim o tempo todo. Pode emitir mais fatos da Terra antiga do que um biocomputador.

A cor varreu as bochechas de Eos. — Desculpa.

Relda sorriu e estudou as diminutas mudanças de cor na aura da mulher. Ela era inteligente e amava seu trabalho quase tanto quanto amava seu marido. Relda deixou seu dom se abrir e um fio de poder fluiu através dela.

Era uma sensação quente e fria e ela sentiu sua mente se expandir.

— Você terá muito mais aventuras em sua vida. Você vai brigar com o seu homem, fazer as pazes, bater na cabeça um do outro e rir juntos — Tudo deve ser uma parceria adequada. — Você confia e ama o homem que é seu e ele nunca vai trair isso.

Os olhos escuros de Eos observaram Relda intensamente. — Eu sei disso.

Ela não conseguia entender o que era um dom. — Ele já lhe deu uma família, mas no futuro próximo, você também criará a sua própria.

A boca da morena caiu aberta, sua mão caindo para seu estômago.

Relda sorriu. — Agora não. Você tem mais algumas aventuras para sobreviver ainda. Mas um dia em breve, você vai fazer nova vida.

Ria soltou uma risada. — Deus, eu não posso esperar para ver Dathan Phoenix como pai.

— Ele vai ser um bom — disse Eos defensivamente. — Ele está tendo alguma prática com Lala.

Ele seria bom, mas Relda não disse em voz alta.

— Aquela garota nos mantém todos na ponta dos pés. — Ria murmurou.

Relda levantou uma sobrancelha.

Eos estava lutando com um sorriso. — Uma especialista em explosivos opinativa que nós meio que adotamos.

Ria bufou. — Adotamos? Ela apenas se mudou e nunca mais saiu.

O olhar de Eos voltou para Relda, inteligência feroz e especulação queimando em seus olhos dourados. — Meu marido tem um conjunto de cartas de tarô terráqueo. Elas não estão completas e algumas estão danificadas, mas as imagens são lindas. Você não usa cartões ou usa um desses orbes? — Ela acenou para o globo na mesa próxima.

— Não.

— Qual é o seu contexto?

— Eu fui criada na Estação Espacial Brielle. — A mentira bem praticada escapou facilmente. — Minha mãe era humana e eu nunca conheci meu pai. — Muito longe da verdade.

— Você vê auras.

Relda quase engoliu a língua. — Desculpe?

— Em Vedic, tínhamos ashans, adeptos espirituais, que podiam explorar as energias do universo. Eu vi o jeito que eles olhavam para as pessoas. Não para elas, em volta delas. Você faz o mesmo.

Relda pegou as xícaras e levou-as para trás do divisor de tecido. — Eu sou uma mulher de negócios, Eos, não uma adepta espiritual.

— Você quer que eu acredite que você é uma charlatã.

Relda se afastou, sorrindo. — Você pode acreditar no que quiser.

— Você tem outros poderes psiônicos?

Relda juntou as mãos. — Me desculpe, o tempo acabou. Eu tenho algum trabalho a fazer antes de terminar meu dia.

Ria ficou de pé, com um sorriso nos lábios.

— Esse foi o melhor golpe que eu ouvi em um tempo. — Ela piscou para Relda. — Tem sido interessante.

— Da mesma forma. — Relda ficou surpresa ao descobrir que ela estava falando sério. Ela gostava das duas.

— Me desculpe, eu fiz você se sentir desconfortável. — O sorriso de Eos era embaraçado. — Sou insaciavelmente curiosa.

— Está tudo bem.

— Bem, obrigada.

Depois que elas saíram, Relda arrumou a barraca. Ela queria chegar em casa e checar Alia. Ela também queria verificar com os policiais que o Marshal tinha organizado para manter os olhos em suas outras lojas.

Não houve um som, mas de repente Relda sabia que não estava sozinha. Ela sentiu o roçar das auras dos homens contra a dela como um formigamento de algo afiado e cortante.

O aquático e seu amigo mal-cheiroso estavam de volta.

Relda se virou. Eles entraram pelas costas e estavam observando-a atentamente. Ela olhou para a frente da tenda.

O aquático deu-lhe um sorriso agudo e ergueu um pequeno dispositivo. — É um supressor sonoro. O homem na frente não vai ouvir

nada. Mas se você conseguir envolvê-lo, não pense que não teremos grande prazer em matá-lo. — O aquático balançou a cabeça. — Nós só queríamos a Trojan Moon, mas agora meu amigo, Maz aqui, gostaria de ter um pouco de tempo com você também.

Maz zombou.

— Eu quero vingança, vadia.

CAPÍTULO TRÊS

Ele pretendia machucá-la e depois matá-la. Relda viu o brilho de suas intenções em suas energias. Era uma nuvem escura que sugava todo o indício de cor.

Maz saltou para frente, rápido e brutal.

Relda se atirou para o lado, pousando em suas mãos e joelhos. Mas hoje a surpresa não estava do lado dela e dessa vez ele estava alimentado pela raiva.

Ele agarrou as pernas dela, tentando puxá-la para trás.

Descontroladamente, ela examinou à frente dela. A mesa ao lado tinha um de seus orbes menores equilibrados em cima de um pequeno suporte preto. Ela estendeu a mão, a mão raspando na borda da mesa.

— Não, você não vai. — Uma mão dura cortou as costas dela.

Relda estremeceu. A dor irradiava sua espinha. Ele finalmente deu um bom aperto em torno de seus joelhos e puxou-a para trás.

Enquanto ele a arrastava, ela agarrou a borda da mesa. Ela inclinou-se ligeiramente e o orbe rolou para o tapete. Relda pegou, torceu e jogou como um campeão de VelocityBall.

Sua posição desajeitada significava que ela não tinha força. Mas não havia nada de errado com o alvo dela.

O cristal pesado bateu na cabeça de Maz, derrubando-o de lado.

Relda deu um pulo. A adrenalina correu por suas veias, mas outra coisa também estava se mexendo. Ela apertou a mão na barriga, desejando ficar calma. — Saia agora e eu não vou te machucar.

Os olhos de Maz se estreitaram em fendas minúsculas e o sangue escorria sombriamente pelo lado do rosto.

O aquático se endireitou, seu olhar cauteloso. — Nós só queremos a Moon.

— Não está aqui. E mesmo se estivesse, eu ainda não daria a você. Agora saia.

— Não vamos a lugar nenhum sem o artefato. Vale milhões de e-creds e nosso empregador ... não gosta quando não consegue o que quer.

— Última chance. — Ela manteve seu tom alegre, mas seu coração estava martelando.

Ela não podia arriscar usar muito de seu poder. Fazia muito tempo desde que soltou toda a força, e sua falta de treinamento a deixava ... instável. Tentar assustar esses dois pode levá-la a aniquilar todo o mercado.

Ou pior.

O aquático se lançou para frente. Relda levantou a mão e o aquático parou como se tivesse acertado uma cerca elétrica. Ele balançou a cabeça, piscando rapidamente. Quando percebeu que não conseguia se mexer, o pânico cresceu em seus grandes olhos.

O poder cantou através do sangue de Relda, um longo prazer esquecido.

Lentamente, ele levantou o punho. E bateu em seu próprio rosto.

Ela soltou-o e ele caiu no chão.

Maz amaldiçoou. — Você não vai usar truques em mim. — Ele balançou a palma da mão aberta batendo em sua bochecha.

O golpe fez seus olhos lacrimejarem e sua cabeça balançar.

Ela viu o homem levantar a mão novamente, um sorriso podre no rosto. Ele segurava algo na mão, uma lâmina de íon azul brilhante.

Relda o atingiu com uma explosão mental. Com um grito alto e fino, ele largou a lâmina. Ele apertou as mãos sobre os olhos e correu para trás.

Ela correu para a frente da tenda. O policial Westin virou-se para encará-la, parecendo chocado.

Relda se arrastou no ar. — Eles …

O aquático saiu da tenda, segurando uma arma de energia, e atirou no policial loiro no peito. Westin caiu para trás, eletricidade azul cobrindo seu corpo.

Engolindo um grito, Relda correu.

Ela voou pelos becos do mercado. Os vendedores lhe diziam ‘olas’, mas a Relda não parou para rir, conversar ou flertar, como costumava fazer. Ela não podia arriscar parar. Qualquer um deles poderia se tornar alvo dos homens que a perseguiam.

Ela tinha que chegar a uma área menos populosa do mercado. Sua mente correu. Ela precisava elaborar um plano para eliminar os homens. Ela não podia deixar que eles pegassem a Moon e ela não os deixaria machucar ninguém. Ela pensou no pobre Adjunto Westin.

Uma curva à direita levou-a por outro beco ladeado por barracas de madeira. Ela olhou por cima do ombro e viu o aquático vindo atrás dela. Ela não viu Maz, mas ele não estaria longe. Ela rapidamente se abaixou em outro beco mais silencioso e, em seguida, passou por uma barraca vazia e entrou no beco adjacente. Estava menos lotado aqui e ela se forçou a diminuir a velocidade.

Com um rápido puxão, ela tirou o cinto de moedas e o soltou. Em seguida, ela pegou o lenço vermelho em volta da cintura e amarrou-o sobre o cabelo. Basta agir como uma turista verificando as mercadorias.

Ela parou em uma loja cheia de jóias coloridas, tocando um colar de citrino brilhante.

As barracas vizinhas estavam cheias de comidas, a variedade de embalagens clonadas e também as recém-cultivadas, roupas, arte e armas. Você nomeia isto, você poderia achar isto em algum lugar em Souk. E se não estivesse no mercado, as ruas estreitas e sombrias atrás do mercado a céu aberto escondiam as lojas do mercado cinza.

Lá, menos coisas legais poderiam ser encontradas ... pelo preço certo.

Ela adorava Souk. Tinha feito um pequeno lugar para si mesma, mesmo que não tivesse deixado ninguém chegar perto demais. Doeria embalar e sair. Mas ela tinha que ir. Ela não podia deixar a Trojan Moon cair nas mãos de ninguém.

Relda viu um movimento rápido no final do beco. Os dois homens atravessaram a multidão, tirando as pessoas de lá. Enquanto ela observava, mais dois se juntaram a eles.

A bile subiu na garganta. Havia mais do que os dois que a atacaram. Qualquer um ao seu redor poderia ser um deles.

Hora de ir. Ela se afastou da baia.

Ela viu os telhados dos armazéns na parte de trás do mercado. Eles estariam vazios de pessoas. Um bom lugar para enfrentar esses homens e evitar baixas.

De cabeça baixa, ela se apressou. Ela teria que arriscar usando seus poderes. Engolindo, ela se forçou a ficar relaxada. Ela poderia fazer isso.

Segundos depois, ela ouviu um grito. O aquático a tinha visto. Relda se abaixou no meio da multidão e começou a correr.

Ela girou em torno de um canto, quase perdendo o equilíbrio.

Os homens estavam ganhando caminho até ela.

Ela se abaixou em torno de um carro anti-gravitacional pairando acima do solo, carregado com produtos frescos. Um dos armazéns surgiu à frente. Isso teria que dar.

Felizmente, a porta não estava trancada. Ela correu para dentro, parando para deixar seus olhos se ajustarem à escuridão. Era um espaço grande e aberto, com paredes sujas e partículas de poeira flutuando no ar.

De repente, mãos apertaram os bíceps dela e ela foi puxada de lado nas sombras. Com uma maldição, Relda lutou contra seu atacante. Ela abriu a boca para gritar, mas uma mão segurou o rosto.

Ela continuou lutando.

Então ela se virou e olhou para o rosto acidentado de Hunt Calder.

***

Hunt afrouxou o aperto sobre a boca de Relda. Seu cabelo se derramou em volta de seus ombros em desalinho emaranhado. Havia um vermelhidão inchado em sua bochecha que fez sua mandíbula apertar.

— Você está bem? — Sua voz era mais dura do que ele pretendia.

Ela assentiu. — Eles estão me caçando. Eles atiraram no Adjunto Westin. Precisamos sair daqui.

Hunt respirou fundo e concentrou-se em filtrar a onda de sons e odores através de seus sentidos. Do lado de fora do armazém, ele podia

ouvir a multidão no mercado, tagarelice, risadas e passos. Cheirava a inundação de aromas, fritura de carne, suor e especiarias. Era difícil separar qualquer coisa com tantas pessoas próximas, mas ele ouviu os batimentos cardíacos aumentados de um grupo se aproximando. Ele também cheirou algo que o lembrava do oceano.

— Eu posso sentir o cheiro de um aquático.

Seus olhos se arregalaram. — Sim.

Hunt tirou o Sync do cinto e rapidamente chamou seus assistentes. — Eu tenho um grupo de hostis no mercado. Preciso que vocês venham em minha localização atual. E lembre-se, quero que eles estejam vivos para interrogatório. E verifique Westin!

Relda estava passando as mãos para cima e para baixo pelos braços.

Hunt levou a mão ao ombro dela. — Está tudo bem. Eu não vou deixar eles te levarem.

Ela não olhou para ele. — Obrigada.

— Algo me diz que você estava indo muito bem. — Ela olhou para ele e ver o inchaço em sua bochecha fez sua raiva aumentar. — Você precisa chegar a um medbooth.

Ela tocou a bochecha dela. — Estou bem.

Uma porta se abriu. Vozes masculinas se infiltraram no prédio.

— Vamos. — Hunt agarrou a mão dela e se dirigiu na direção oposta.

— Lá está ela!

— Não deixe ela ir embora!

Merda.

Hunt puxou Relda em torno de uma pilha de caixas e encontrou uma porta dos fundos. Havia uma bio-bloqueio reluzente sobre ele.

Ele não tinha tempo de usar seu cartão para destrancá-la. Em vez disso, ele rezou para que sua força aumentada fosse o suficiente. Ele apontou o ombro para a porta e bateu em uma corrida.

A fechadura quebrou, a porta se abriu e eles explodiram em um beco silencioso. Não havia multidões para se esconder aqui.

— Lá. — Ele apontou para uma escada encostada na parede de um dos prédios de dois andares. Ele empurrou Relda à sua frente e ela subiu a escada sem hesitar. Ele rapidamente a seguiu.

Os homens irromperam no beco, gritando.

— Mais rápido, Relda.

No topo, eles correram pelos telhados. Hunt levou um breve segundo para apreciar a graça hipnotizante de Relda. Quando chegaram ao final da fila de edifícios, ele parou para olhar para trás.

Três homens estavam correndo em direção a eles, armas desembainhadas.

Com uma expressão severa, Hunt estudou a lacuna. Era longe demais para pular, e não havia degraus ou escadas abaixo. Havia apenas um fio fino pendurado no beco que ele supunha ser usado para pendurar roupa.

— Marshal, espero que você tenha um plano. — disse Relda.

Abriu um dos bolsos do colete e tirou um rolo estreito de corda reforçada. — Confia em mim?

— Eu não confio em ninguém.

— Eu não estou pedindo para você confiar em qualquer um. Estou pedindo que você confie em mim. — Ele abriu os braços.

Ela o estudou por um segundo antes de se aproximar e colocar os braços ao redor dele.

Seu perfume feminino envolveu-o, algo esfumaçado e picante. — Segure firme.

Quando ela enrolou uma perna esbelta em volta dele, ameaçando destruir sua concentração, Hunt passou a corda pelo arame que corria acima da rua.

O fogo a laser atingiu o telhado a três metros de distância deles e Relda soltou um suspiro.

Uma vez que ele estava certo de que ela estava segurando firme, Hunt se afastou.

Ela soltou um pequeno grito, seus braços e pernas se apertando ao redor dele. Muito em breve, ele planejanava que ela fizesse isso ... nua.

Eles zuniram pelo beco, e as pessoas abaixo gritaram e apontaram. Relda pressionou o rosto contra o pescoço dele.

Chegaram ao telhado do outro lado do beco e Hunt deu alguns passos nos ladrilhos até conseguir o equilíbrio. — Pronto.

Ela levantou a cabeça e deu uma risada rápida. — Você é útil para ter ao redor, Marshal.

Seus lábios se contraíram. — E você ainda não viu minhas melhores habilidades.

Ela sorriu. — Eu aposto.

Do outro lado do beco, havia gritos. Hunt viu um grupo de seus auxiliares no telhado, perseguindo os atacantes da Relda. Sua mão se enrolou em um punho. Ele queria perseguir os bastardos, mas sua primeira prioridade era cuidar da Relda.

— Vamos. Hora de ir ao medbooth. — disse Hunt.

— De verdade eu estou bem. — Ela o soltou e deu um passo para trás.

Então seus joelhos cederam.

Hunt a pegou antes que ela caísse e a puxou para seus braços. Ela era uma agradável mulher cheia de curvas para abraçar.

— Você não está bem. Medbooth. Sem discussão.

Ele não esperou por uma resposta, ele simplesmente caminhou até o conjunto de degraus que levavam ao chão.

A escuridão caíra enquanto o principal centro do mercado, tinha restaurantes e barracas de comida que ficavam abertas até tarde da noite, essa parte do mercado estava quieta.

Ele se aproximou do medbooth mais próximo. A caixa estava um pouco mais alta do que ele e brilhava com anúncios de neon que contrastavam nitidamente com a sensação de baixa tecnologia de Souk. Ele colocou Relda em pé e pressionou a palma da mão na cabine. Sua porta se abriu com um silvo.

Luz branca brilhante se acendeu. Um banco simples era tudo o que estava dentro. — Aí está.

Relda suspirou. — Não vai funcionar em mim.

Ele franziu a testa. Ele nunca tinha ouvido falar de medbooths que não curavam certas pessoas. — Explique-se.

— Não. — Ela ergueu o queixo. — É o meu segredo para manter.

Hunt olhou para o rosto adorável. — Muito bem. Entre no estande.

Ela encolheu os ombros.

— São seus e-creds. — Ela entrou, varreu as saias para o lado e sentou-se.

A porta se fechou e a máquina zumbiu em silêncio. Hunt cruzou os braços e esperou impaciente. Ele enviou uma mensagem rápida para verificar com seus representantes. Recebeu uma mensagem de que os atacantes ainda estavam em liberdade e a Westin estava bem.

Três minutos depois, o medbooth apitou e Relda saiu.

Seu rosto ainda vermelho, inchado e ameaçando doer.

Ele passou os dedos pelo ferimento.

— Te disse. — Havia presunção em sua voz.

— Então você disse. — Ele a colocou de volta em seus braços.

— Marshal Calder ...

— Hunter.

— Marshal …

— Hunter! — Mulher teimosa ia ter que aprender que ele era tão tenaz quanto ela.

Ela soltou um suspiro. — Bem. Hunter. Eu posso andar.

— Talvez. Mas eu gosto de carregar você.

Isso calou a boca dela. Ele entrou no beco onde a casa dela estava localizada e depois parou na casa de dois andares de cor creme com janelas acentuadas por ferro forjado preto e caixas cheias de flores coloridas. Quando se aproximaram, a porta da frente foi aberta.

— Relda!

Quatro meninas de diferentes idades, dez até o final da adolescência, saíram às pressas. Preocupação e medo estavam estampado em seus rostos.

— Estou bem. — Relda acenou de volta para dentro.

Hunt entrou na entrada de azulejos.

— Sim. Eu vejo que você está indo muito bem. — A garota mais velha estava encarando Hunt e sorrindo. Ela desviou o olhar para Relda. — Aqueles homens que atacaram Alia voltaram, não é?

— Eles voltaram. — Hunt fez contato visual com cada garota. — Todo mundo precisa ter cuidado. Não saiam sozinhas e fiquem com as partes lotadas do mercado. Esses homens são perigosos.

Todas as garotas concordaram e a mais velha limpou a garganta. — Relda, eu já levei uma bandeja de comida para o seu quarto.

— Obrigada, Pria. — O tom de Relda estava cheio de calor. — Todas vocês vão para a cama. Vou ve-las pela manhã.

— Onde é o seu quarto? — Hunter disse.

Ela parecia estar se preparando para discutir.

— Se você acha que eu vou sair, pense novamente. Eu tenho dúvidas.

Seu nariz enrugou. Provavelmente estava errado que ele achasse isso atraente. Mas parecia que não havia nada nela que ele não achasse fascinante.

— Além disso, quero pegar um pouco de gelo para colocar em sua bochecha.

Ela soltou um suspiro. — Você é incrivelmente teimoso.

— Então me disseram.

— O andar de cima é meu próprio apartamento separado.

Ele a levou até as escadas. Não demorou muito para encontrar o quarto dela. O espaçoso quarto tinha sua marca em cima. A cama era grande e coberta por uma esparramada de esmeraldas e cheia de travesseiros.

Sofás baixos e sem encosto estavam agrupados em torno de uma mesa redonda e, através de uma porta, ele viu um banheiro coberto de azulejos cremosos e dominado por uma banheira funda.

Ele a colocou em um dos sofás e entrou no banheiro. Ele voltou com um pano molhado e se sentou ao lado dela. Ele começou a trabalhar limpando sua bochecha. Momentos depois, uma batida soou e Pria entrou. Deixou uma pequena tigela de gelo sobre a mesa e saiu com um sorriso.

Hunt embrulhou um pouco de gelo em um segundo pano e segurou-o na bochecha de Relda. — Isso ajudará com o inchaço.

— Como você sabe os primeiros socorros antiquados?

— Quando você e sua equipe estão presos no meio do nada, sem medbooths e sem medscopes funcionando, você logo aprende que os simples e antiquados aprendizados primeiros socorros são melhores do que sangrar até a morte.

Olhos verdes o observavam com firmeza. — Você foi ferido por muitas vezes?

— O suficiente. — Ele tinha muitas cicatrizes. E ele perdeu muitos bons soldados ao longo dos anos. Muitos.

Ele não planejava perder mais ninguém. — Quem é você, Relda?

Ela endureceu. — Relda Dela-Cruz.

— De onde você é? — Não minta para mim, linda.

Ele ficou satisfeito por ela ter hesitado dessa vez.

— Eu sou da Estação Brielle.

— Besteira. Não há registro de uma Relda Dela-Cruz antes de você aparecer em Souk.

Ela manteve o olhar dele e ergueu o queixo. — Eu sou Relda Dela-Cruz de Brielle.

Hunt engoliu sua frustração.

— Que espécie é você? — Ele não podia ver nenhum sinal de que ela fosse nada além de humana.

Ela se inclinou para pegar uma uva da bandeja de comida na mesa. — Essa é uma pergunta estranha, Marshal.

Ele pegou uma mão no cabelo dela, envolvendo os fios em torno de sua mão. Apertado o suficiente para que ela tivesse que sentir isso. — Eu não posso te ajudar se você não me der algo ... qualquer coisa.

Aqueles olhos verdes como joias pareciam brilhar na luz fraca. — Eu não preciso da sua ajuda.

CAPÍTULO QUATRO

Relda sentiu uma profunda inquietação em seus ossos.

Ela não gostava disso. Ela estava acostumada a estar no controle total de sua vida.

Hunt a fez sentir coisas que não sentia há tanto tempo. E não queria sentir.

— Você precisa da minha ajuda. — ele rosnou. — Você está em perigo.

Ele deveria parecer errado ou pelo menos desconfortável em seu espaço feminino. Estava cheio das pequenas coisas que ela amava, velas, pequenos colecionáveis cristais que captavam a luz e vibrantes tecidos de seda. Em vez disso, seu quarto apenas ressaltou como ... o macho que ele era.

— Olhe Marshal, eu tenho me dado muito bem sem você na minha vida. — Ela colocou o gelo para baixo.

— Mas você não tem ninguém para proteger você.

Não, não por muito tempo. — Eu posso me proteger.

Ele inclinou a cabeça. — Você não deixa ninguém chegar em você Relda?

Maldito homem perceptivo, agressivo. Ela deu uma risada zombeteira. — Eu tenho uma casa cheia de meninas ...

— E ainda assim você está sozinha.

Ela empurrou para seus pés. — Eu vou me trocar. Se me der licença.

No banheiro, Relda forçou a respiração a diminuir a velocidade e, assim que suas mãos ficaram firmes, tirou as roupas e colocou-as no cesto. Ela tocou o rasgo em sua camisa. Porra, não seria aproveitável e era a sua favorita.

Ela se forçou a deixar isso de lado. Ela teria que desistir de muitas de suas coisas favoritas quando se mudasse. Ela se permitiu se importar com muitas coisas desta vez. Era uma lição valiosa.

Com movimentos rápidos, ela lavou os restos de sangue e maquiagem do rosto. Então ela tomou seu tempo e alisou loções em sua pele.

Ela puxou o roupão, uma suave seda cinza-pomba que parecia a luz da lua e depois se moveu para um dos ladrilhos na parede. Tocando o sensor de pressão oculto, o ladrilho se abriu para revelar um cofre Rendarian de última geração codificado em sua biometria. Ela pagou uma pequena fortuna por isso.

Ela tocou o biopad e esperou enquanto verificava seu DNA, então ele abriu. Ela puxou o que estava procurando e colocou a longa corrente de prata em seu pescoço.

O diamante azul-acinzentado pendurado no fundo, era um orbe perfeito do tamanho de um dos mármores supermassivos com os quais ela tinha visto Bindi e suas amigas brincar na rua.

Quando o diamante se sentou contra a pele entre os seios de Relda, absorvendo suas energias, a cor azul-acinzentada se aprofundou nas bordas, girando como uma tempestade, sem dúvida captando seu humor. Arrastando o roupão para cobrir a jóia, ela saiu do banheiro.

Hunt estava sentado em um dos sofás baixos enquanto colocava azeitonas na boca.

— Esse é o meu jantar — ela retrucou.

— Achei que havia o suficiente para compartilhar.

Ela ignorou o modo como seu olhar traçou sobre ela, dos pés descalços até o rosto ainda mais machucado. Sem sua maquiagem e roupas, ela se sentia ... exposta. O pensamento fez sua espinha endurecer. Ela foi até o sofá em frente ao dele e pegou uma suculenta baga vermelha do prato.

— A Moon está aqui?

Ele simplesmente não desistia. E maldição se ela não achasse esse traço atraente. Ela não respondeu.

— Eu fiz alguma pesquisa. Depois de excluir as muitas referências a objetos orbitando corpos em pontos Lagranianos … — ele lançou-lhe um olhar — Encontrei algumas referências obscuras a um artefato chamado Trojan Moon.

Seu coração batia forte em seu peito. Ela deu uma mordida na baga e observou o olhar de Hunt se mover para os lábios.

— Dizem que é um artefato de Vega-Lyran.

Ela deu outra mordida. Apenas ouvir esse nome fez seu peito se contrair.

— Você sabe quem eram os Vega-Lyrans? — ele perguntou.

Ela levantou um ombro, desta vez deliberadamente deixando seu roupão escorregar, expondo sua pele. Ela viu a fome inflamar-se naqueles olhos azul-gelo.

— Alguma raça mítica psiônica.

— Eu tenho acesso a alguns registros militares recentemente desclassificados. — Ele a observava atentamente. — Eles não eram míticos. Eles eram uma raça psiônica avançada que eram incrivelmente poderosos.

— Mesmo? — Ela manteve o tom suave, mas quase engasgou com a fruta.

— Foi dito que eles começaram como telepatas menores, mas usaram engenharia genética avançada para melhorar suas habilidades. E ao longo dos séculos eles conseguiram. Dizem que eles podem controlar as mentes de milhares de pessoas de uma só vez. Eles poderiam mover objetos e criar fogo. E eu quero dizer em grande escala, eles poderiam mover naves espaciais no espaço e incendiar cidades inteiras em um instante.

— Soa como um conto de fadas.

— Eles foram caçados e exterminados. As pessoas tinham medo deles.

Relda olhou para a janela e o luar se filtrou. Tristeza era uma ferida aberta em sua barriga. — Geralmente é o que as pessoas fazem quando estão com medo.

— Por que você tem um artefato Vega-Lyran?

Ela olhou para ele agora. — Eu nunca disse que tinha.

— Você também não disse que não tinha. Essas pessoas visaram você por um motivo.

— Eu não sei porque. — Ela baixou o olhar, sentindo-se tão cansada.

Quando ela ficou tão cansada de mentir? Ou será que ela simplesmente odiava mentir para ele?

— Eles continuarão chegando, quer você tenha ou não. Essas garotas lá embaixo não estão seguras aqui.

Energia infinita, ele estava certo. A mão dela circulou o colar, procurando a esfera de diamante no final. — Eu preciso tirá-las daqui.

— E você deveria ir também, até ...

— Não. — Ela pretendia ficar bem aqui e encarar esses bastardos. Ela jurou sobre o corpo quebrado de sua mãe que nunca seria uma vítima.

— Você quer ser a isca.

Ela estreitou os olhos. — Talvez você tenha algum sangue Vega-Lyran, eu sinto que você está lendo a minha maldita mente o tempo todo.

Ele riu, um som áspero e masculino. — Estou lendo seu rosto e linguagem corporal.

Ela franziu o cenho. Ela era boa em esconder seus verdadeiros pensamentos e não estava acostumada a ninguém ver através dela.

Ele se aproximou, inclinando o queixo para cima. — Não faça beicinho, linda. Passei mais de vinte anos nas Forças Especiais Galácticas e interroguei muitos combatentes inimigos. Eu também sou Predian.

Seu estômago se apertou. Então ele tinha algumas habilidades próprias. Ela não ficou surpresa por ele ter passado tanto tempo nas Forças Especiais. Com seus sentidos e força aumentados, Predians eram soldados excepcionais.

O polegar de Hunt roçou os lábios dela. — Não se preocupe, você não doa muito. Tenho certeza de que as pessoas comuns só veem uma mulher linda.

Seus dedos em sua pele eram tão quentes, grandes, protetores. Ela balançou em direção a ele.

— Precisamos mandar as meninas embora.

Ela se afastou e assentiu.

— Eu tenho uma pequena casa no Lago Gameelah. Elas podem ir até lá, até que isso seja resolvido.

— Boa. Então vamos esperar que seus admiradores façam o próximo movimento.

Nós? — Eu não quero você aqui.

— Resistente.

— Esta é a minha casa …

Ele se levantou, elevando-se sobre ela, seus olhos brilhando. — Eu vou manter você segura, Relda. Um, porque é o meu trabalho e dois … — ele pegou uma mecha de cabelo dela, esfregando-a entre os dedos calejados — porque eu não quero ver você se machucando. Seus dedos roçaram a bochecha machucada como o beijo das asas de borboleta. — Eu já odeio ver isso. Não vou deixar que esses bastardos adicionem mais nada.

Maldito seja ele.

Maldito seja por ser um homem bom e nobre.

E por estar quebrando a concha de pedra em volta do coração dela.

Ela tentou reforçar suas defesas, mas Relda se preocupou que já fosse tarde demais.

***

Hunt andava de um lado para outro no apartamento de Relda, checando as janelas, monitorando a rua em busca de algo fora do comum.

Eles levaram as meninas para a casa do lago, todas protestando vigorosamente. Elas eram todas muito protetoras de Relda. Ele podia

ver o porquê. Ela as amava, mesmo que não admitisse, ou deixasse que elas chegassem perto demais dela. Ela cuidava delas, salvou-as e deu a todas uma vida melhor.

Ele parou em uma janela, olhando para a rua vazia abaixo. Nenhuma sombra estava se mexendo. Todos estavam na cama.

— Você acha que eles virão hoje à noite?

Ele olhou por cima do ombro. Relda tinha mudado o robe sexy, graças aos deuses. Se ele tivesse que vê-lo escorregando de seu ombro por muito mais tempo, ele a teria arrastado para o chão e ficado sobre ela como uma besta no cio.

Mesmo agora, seu pênis estava duro, pressionando contra as calças. Ela vestia calças pretas apertadas e uma camisa branca solta, mas não ajudou a amortecer muito o desejo dele.

— Sim. Eu acho que eles vão.

Ela assentiu com a cabeça, os dedos apertados ao redor da corrente delicada em seu colar. Ela se moveu ao lado dele e ele a cheirou. Fumaça e tentação de especiarias.

— Você pode ver a Trojan Moon de Souk hoje à noite. — Ela apontou para o ponto brilhante, menor que a lua principal, mas, maior que uma estrela. 'Khan'

— Lar dos irmãos Phoenix.

— Os caçadores de tesouros selvagens.

— Desde que cumpram a lei de Souk, não são problema meu.

— Eu os vi no mercado algumas vezes. Diabos bonitos, todos os três.

A apreciação em sua voz fez Hunt franzir o cenho para a lua acima.

— Eu conheci duas de suas esposas hoje. Minha impressão dos Phoenix é que eles mergulham na aventura e, talvez, escapam da lei quando lhes convêm, mas não a desconsideram descaradamente. Eles vivem a vida ao máximo.

Hunt olhou de lado para ela. — Você vive a vida ao máximo?

— Eu te disse, minha vida é exatamente como eu quero que seja.

— Certo. Pessoas mantidas a uma distância educada. Amantes que são visitantes de Souk e só compartilham sua cama uma vez.

Ela ficou rígida, sua voz assumindo uma vantagem perigosa. — Desculpe?

— Eu te disse, eu verifiquei você.

— E minha vida amorosa foi incluída nisso, também? — Sua voz deixou claro que ela gostaria de esfolá-lo vivo.

— Você não deixa ninguém chegar perto de você. — Ele se inclinou até que seus narizes roçassem. — Mas você gostaria de me deixar chegar perto, não é?

Ela soltou um suspiro. — Arrogante, insuportável …

Ele continuou falando. — Você encontra algum visitante atraente, usa essas habilidades de flerte e eu vejo isso todos os dias, seduzindo-os, dando-lhes uma noite agradável de iguarias tentadoras e lençóis de seda. Pele deslizando contra a pele, suspiros e gemidos suaves. Tudo está sob o seu controle, exatamente como você quer, seguido por um orgasmo lento e fácil para os dois.

Sua boca apertou, mas ela permaneceu em silêncio.

Hunt aproximou-se e ela deu um passo para trás. Ele continuou se movendo, apoiando-a contra a parede.

— Não é assim que deve ser, Relda. Deve ser duro, um pouco áspero, quente e suado. Deveria ser o desejo assumindo, tirando o controle dos nossos corpos. — Ele se inclinou até que seus lábios roçaram o lado do pescoço dela, logo abaixo da orelha dela. — Eu tocaria em você, até que você estivesse chorando por meu pau. Eu lamberia você entre suas pernas, lamberia seu doce mel até você gozar na minha língua. Então eu deslizaria meu pau latejante dentro de você e tomaria você com força, meus dedos cavando em seus quadris. Seria pele batendo na pele e seus gritos de prazer enchendo a sala, Relda, até nós dois explodirmos.

Ela estava ofegante agora, os olhos fechados, um brilho de suor na testa.

— Você está excitada agora?— ele murmurou.

Seus olhos se abriram, brilhando em um verde profundo e vibrante. — Eu pensei que vocês militares eram todos fortes e silenciosos, e sem qualquer intelecto.

Ele sorriu. — Sou um homem simples. Eu apenas digo isso como eu vejo.

Um pequeno sorriso flertou em torno de seus lábios. — Simples, minha bunda.

— É uma bunda muito boa.

Ela riu agora. — Verdade. E sim, estou excitada. — Algo malvado brilhou nos olhos dela e o estômago de Hunt se apertou.

Uh oh, algo lhe dizia Relda estava prestes a flexionar suas garras.

Ela pressionou nele até que ele sentiu seus mamilos duros contra seu peito. Deuses, era tão bom. Ela ficou na ponta dos pés, a boca roçando a mandíbula dele.

— Minha calcinha está completamente encharcada por causa de você.

O desejo era como um martelo em seu estômago. Seu pau, já duro, ficou ainda mais duro e ele gemeu.

— Você conhece aquele velho ditado da Terra, Hunter? Olho por olho.

Era culpa dele. Ele não podia fazer nada agora, não com assaltantes desconhecidos lá fora, esperando para atacar. Sua segurança vinha em primeiro ... mas uma vez que isso acaba-se ...

— Sim. E agora vou sofrer tanto quanto você.

Seu sorriso era satisfeito. — Bom.

— E eu vou mantê-la segura, mas você tem que me ajudar. — Ele olhou nos olhos da mulher que ele sabia em seu profundo ser que era dele. Ele estava planejando mantê-la, mesmo se ela lutasse contra ele. — Onde está a Trojan Moon, Relda?

Ela agarrou o colar e ergueu a jóia no final. — Aqui.

***

O sangue de Relda ainda estava bombeando forte e rápido da pequena sedução de Hunt. Ela o levou mais para um homem de ação, não palavras, mas sua conversa suja ... bem, tinha funcionado, grande momento.

Ela observou-o estudar o diamante. Agora pulsava ao mesmo ritmo de seu batimento cardíaco e quase todo o azul se fora, a pedra inteira agora era de um vermelho vivo.

— Onde você conseguiu isso?

— Foi transmitido pela minha família. Sim, é fantasticamente valioso, mas nunca o venderia. É um pedaço da história.

— Conte-me.

— É um diamante terráqueo. Diz-se que a Trojan Moon foi criada a partir de um grande diamante azul-cinzento que pertenceu a reis terráqueos. É conhecido como o Diamante da Esperança, a Jóia do Rei e o Tavernier Blue. Foi reverenciado por anos pelo povo da Terra e mantido em museus. Algumas lendas diziam que era amaldiçoada, outras que foi arrancada da testa de uma estátua de alguma deusa terráquea há muito esquecida. — Às vezes, no escuro da noite, Relda se perguntava se a jóia estava amaldiçoada, se fosse a razão pela qual tudo o que ela amava foi destruido.

— Você usa isso?

— As vezes. — Ela nunca mais iria usá-lo em público. — Eu acho que alguém deve ter reconhecido isso.

— Eu não consegui encontrar uma imagem disso, mas talvez outra pessoa tenha.

— Eu acho que ... — Foi então que ela percebeu o nevoeiro.

Estava entrando na sala das pequenas fendas ao redor da janela. Parecia fumaça cinza escura.

— Hunter …

— Eu vejo isso. — Ele sacou a pistola de laser e a puxou de volta para a porta.

Mas da abertura embaixo da porta, mais da estranha névoa cinzenta também estava entrando.

— Poção? — ela perguntou.

— Não penso assim. Não parece estar nos afetando.

O nevoeiro se aglutinou no centro da sala em uma massa rodopiante. Enquanto se movia cada vez mais rápido, Relda franziu o cenho. — O que está fazendo?

Começou a tomar uma forma vagamente humanóide.

Hunter amaldiçoou.

— Você sabe o que é isso? — Ela olhou entre o nevoeiro e ele.

— Eu acho que é um nano-droid.

Um dróide feito de minúsculos dróides microscópicos. Eles poderiam formar praticamente qualquer coisa. — Eu pensei que apenas os Serviços de Segurança Galáctica tinham nano-droids?

— Você pode adquirir qualquer coisa se tiver e-creds suficientes. Quem quer a Moon tem algum dinheiro sério.

A névoa se fundiu para formar um dróide todo cinza. Parecia alguém usando uma armadura leve, exceto que o rosto era liso e sem feições. O efeito era francamente estranho.

— Fique para trás — disse Hunt, seu olhar nunca deixando o nano-droid. — Quando você tiver a chance, saia.

Certo. Ela só ia deixá-lo lutar contra a coisa. Relda agarrou o bastão preso ao cinto. Ela deu uma sacudida e o bastão se estendeu até um comprimento letal.

Hunt lançou-lhe um olhar sombrio antes de dar um passo à frente. — Eu sou o Marshal Calder, você entrou ilegalmente …

O nano-droid se moveu tão rápido que Relda só viu um borrão. De repente, estava na frente de Hunt, balançando para ele.

Ele levantou um braço para bloquear o golpe do dróide. Ela o viu fazer careta. Mas então ele estava batendo nele com o outro braço.

Sua mão passou direto pelo droid. Seu corpo se separou e uma vez que sua mão recuou, o droid se reuniu novamente.

Relda se lançou para frente e girou o bastão na cabeça do dróide. Mais uma vez, passou direto, a cabeça do dróide se dissolvendo em névoa. Ela quase perdeu o equilíbrio, mas Hunt agarrou-a e arrastou-a de volta.

— Eu disse para ficar atrás de mim. — Seu tom era duro e mordaz.

Ela o ignorou. — O que nós fazemos? Pode nos atingir, mas é impossível atingi-lo.

Hunt ergueu a arma. Ela viu o brilho prateado no cano da pistola laser.

Segurando a arma com as duas mãos, ele estava todo calmo ao atirar no dróide. O gemido do laser era alto nos confins da sala.

O laser atingiu o droid e ela viu brilhar em azul prateado a cada impacto.

Então se moveu para eles novamente. Sem afeta-lo.

Ele apontou para Hunt, um golpe rápido e dois chutes. Hunt bloqueou o primeiro golpe, estremeceu sob o impacto do segundo e o terceiro o enviou de volta, batendo na parede com força.

— Hunter! — Relda correu para ele. No momento em que ela chegou a ele, ele estava de pé.

— Você precisa sair daqui, Relda.

— Precisamos sair daqui.

Um músculo em sua mandíbula latejava, mas ele assentiu. Juntos, eles avançaram em direção à porta.

O droid se mexeu, bloqueando o caminho deles.

Hunt correu para o dróide, atacando-o no chão. Separou-se em talvez vinte dróides menores com formas blindadas semelhantes a lagartos. Eles tinham grandes garras curvas e golpeavam Hunt várias vezes.

— Relda! Vai!

Ele estava lutando, sangrando de mil cortes, com o sangue encharcando suas roupas.

Se ela não ajudasse, ele iria morrer. Eles morreriam e alguém pegaria a Trojan Moon.

O pensamento de Hunt morto, toda a sua beleza limpa e pura se foi, era intolerável.

Relda fechou os olhos por um breve segundo. Ela sabia que tinha que fazer isso, mas também sabia que Hunt não a olharia depois.

Aquele desejo faminto se transformaria em cautela e medo, ou pior, espanto.

Mas a escolha dela era se revelar ou deixá-lo morrer. Não era realmente uma escolha.

Ela abriu os olhos.

A Trojan Moon mudou de cor, o brilho vermelho encheu a sala. Isso amplificou seus poderes e ela sentiu o doce cantar de fogo em suas veias, a energia fluindo nela com pressa.

Porra, ela sentia falta disso.

Agora, ela só tinha que controlá-lo por tempo suficiente para salvar Hunt e não destruir o planeta inteiro no processo.

Ela levantou as mãos. Ela sentiu a energia ao redor dela. Energia dos equipamentos, luzes e casas de Medina, as cidades vizinhas, o mundo inteiro. Ela sentiu isso no profundo coração fundido do planeta. Na atração gravitacional, mantendo Souk em órbita ao redor de seu sol. Nas explosões solares no sol. Em todos os espaços do cosmos.

Tudo isso era dela para comandar.

A exência essencial de Relda fluiu para longe.

Ela fazia parte do fluxo de energia na galáxia.

As pequenas vidas das pessoas importavam pouco.

Vida ou morte importava pouco. Todos retornaram ao fluxo de energia.

Seu olhar caiu sobre o homem sangrando no chão e as máquinas pairando sobre ele.

— Relda. — O homem humano olhou para ela. Um olhar tão feroz em seus olhos azuis.

Ela empurrou as mãos para fora.

As máquinas começaram a se contorcer, as partes menores movendo-se em um turbilhão agitado. Com seu poder, ela os levantou.

Então ela bateu as palmas juntas.

Os nano-droids se juntaram em uma bola de metal retorcida.

Caindo inofensivamente no chão.

CAPÍTULO CINCO

Hunt olhou para Relda e, lentamente, muito lentamente, levantou-se.

Ele não sentia a dor dos cortes em sua pele. Ou as dores das outras feridas que o droid havia infligido.

Tudo o que ele podia ver era o fogo que queimava nos olhos de Relda e a maneira como o cabelo dela ondulava para trás do rosto, apesar do fato de não haver vento na sala. E era difícil perder o fato de que ela estava a meio metro do chão.

A Trojan Moon, aninhada entre os seios, era da mesma cor das chamas em seus olhos.

— Relda?

Aqueles olhos estavam focados nele, mas ele não viu nada da mulher inteligente e sexy que ele queria. Em vez disso, ele só viu o poder mortal.

Mas ele sabia que sua Relda estava em algum lugar.

Ele se aproximou mais.

Ela inclinou a cabeça, observando-o como se ele fosse um inseto que tivesse feito algo interessante.

Hunt sentiu o pulso de energia no ar ao redor deles. Ele levantou os cabelos em seus braços. Ele se aproximou, até que apenas um fragmento de espaço os separava.

— Relda?

— Os nomes realmente importam tão pouco. — Sua voz era melodiosa e esfumaçada. — Somos todos apenas energia.

— Hora de voltar para mim, linda.

— De volta a um mundo que quer me matar? Onde eu tenho que esconder o que sou?

— Você nunca terá que se esconder de mim.

Ele a beijou.

No começo ele apenas tocou os lábios dela. Ele esperava que ela se sentisse quente demais, mas tudo o que ele sentiu foi um formigamento quente.

Ela ficou imóvel, o cabelo ainda ondulando ao redor de sua cabeça.

Mas ele sentiu uma crescente tensão em seu corpo que não estava lá antes.

Hunt envolveu seus braços ao redor dela e puxou seu corpo contra ele. Ele abriu a boca e despejou tudo no beijo.

Aconteceu devagar no início, mas centímetro por centímetro, ela começou a responder. Seus lábios se moviam sob os seus, e quando seus lábios se separaram, ele aproveitou, varrendo sua língua para dentro.

Ele a arrastou para mais perto, levantando-a. De repente, ela veio para a vida brilhante, suas pernas envolvendo seus quadris. Ela gemeu contra seus lábios, beijando-o de volta como se sua vida dependesse disso.

E talvez sim.

Hunt enrolou a mão no cabelo dela e puxou a cabeça para trás, arrancando a boca da dela. — Você voltou?

Ela ondulou contra ele, conduzindo uma lança de luxúria não diluída ao seu pau já duro. Seus olhos estavam verdes brilhantes.

— Definitivamente.

Ele flexionou as mãos na exuberante onda de seu traseiro. Porra, ela era macia e curvilínea. — Nós precisamos conversar.

Ela suspirou, sua cabeça caindo para frente em seu ombro. — Eu suspeitava que você fosse dizer isso. Seu campo de energia é tão justamente condenado.

— Meu campo de energia?

— Você queria conversar.

Ele suspirou. — Não é seguro ficar aqui. Vou levar você para outro lugar. — Ele a colocou de pé. — Nos podemos conversar …

Ela desmaiou.

Hunt a pegou, sua cabeça caindo sobre o braço dele. Suas pupilas estavam enormes, assumindo seus olhos. — Relda!

— Eu esqueci ... depois que eu ... uso minhas habilidades ... meu corpo desliga ... por um tempo.

Seus olhos se fecharam, seu corpo se transformando em peso morto em seus braços.

Ele a puxou para o peito, com pânico, uma pressão desconhecida em seu peito. Mas quando ele a abraçou, sentiu o roçar firme de sua respiração em suas bochechas e seus músculos relaxaram.

Ela precisava de um lugar seguro para descansar ... então ele obteria as respostas que precisava.

Hunt levou-a para a sua casa. Ele não tinha feito muito para mudar o apartamento do último andar que o Gabinete do Marshal tinha

arranjado para ele no seu prédio. Havia uma cozinha pequena que ele mal usava, uma sala de estar de bom tamanho com uma grande tela holográfica para assistir ao estranho jogo VelocityBall, um quarto grande o suficiente para uma cama grande e um banheiro arrumado.

Ele foi direto para seu quarto e colocou-a nas cobertas. Não era bem como ele imaginou ter Relda em sua cama, mas maldição se a visão de seus cachos escuros espalhados sobre o travesseiro dele não fez seu peito apertar.

Hunt fez o check-in com seu escritório e falou com o Adjunto Westin. A busca pelos atacantes da Relda tinha parado. — Você está totalmente curado de seus ferimentos?

— Sim senhor. Me desculpe, eu os deixei cair em cima de mim ...

— O suficiente. Você está vivo, considere-se sortudo. Dale, eu quero que você mande alguém para checar todas as naves no espaçoporto. Estamos procurando por um navio caro.

— Pode deixar, chefe.

— Estou mantendo a senhorita Dela-Cruz segura. E eu vou manter sua localização confidencial. Entendido?

— Sim senhor.

No momento em que Hunt desligou, o cansaço o puxou. Ele ainda estava coberto de sangue e todos os cortes, enquanto rasos, doíam como uma cadela. Ele precisava de algum tempo com o medscope e dormir.

Mas primeiro…

Ele se mudou para o painel de segurança na parede, a única coisa que ele adicionou ao seu apartamento quando ele se mudou. Muitas vezes, ele teve que cochilar sentado em algum campo de batalha ou enquanto estava em uma missão em algum planeta alienígena hostil. Ele tinha que dormir levemente, pronto para acordar lutando.

Agora, para dormir bem, ele tinha que saber que estava trancado e ninguém podia chegar até ele. Ele tocou o painel, armando os alarmes para as portas e janelas. A porta da frente era feita de titânio reforçado e precisaria de explosivos militares para destruí-la.

Nada poderia entrar sem que ele fosse acordado primeiro.

Ele tomou um banho rápido e ligou fina barra de metal. Banhou seu corpo nu em uma luz azul e os cortes se fecharam instantaneamente. Depois de vestir uns jeans, ele voltou para o quarto.

Através da porta, ele viu seu sofá, muito curto para um homem com sua estrutura. Então ele olhou para a grande cama e para Relda se encolhendo de lado.

Não demorou muito para convencê-lo. Ele se deitou ao lado dela, observando seu rosto. Sua fachada dura estava em baixo, e ela parecia mais suave, mais vulnerável em seu sono. Ele a conhecia bem o suficiente agora para saber que ela não gostaria disso.

Ele estendeu a mão e esfregou um de seus cachos entre as pontas dos dedos.

Ele perdeu tudo com o que se importava quando era menino. Então, como homem, ele forjou um lugar nas Forças Especiais, apenas para perder tudo. Na maioria dos dias, ele apenas se sentia cansado e esgotado ... mas essa mulher queimou e acendeu algo dentro dele.

Ele tinha suas suspeitas sobre o que ela era. Ela possuía um poder que ele sabia que deveria assustá-lo.

Mas tudo o que ele queria fazer era puxá-la para perto e mantê-la segura.

E assim ele fez. Ele se enrolou ao redor de seu corpo, gostando que ela se encaixasse perfeitamente em seus braços.

— Ninguém está chegando a você, linda. Eles precisam passar por mim primeiro.

***

Os olhos de Relda se abriram. Seu corpo inteiro estava vibrando com energia. Ele corria suas veias, enchendo-a até estourar.

Sempre era assim depois de usar suas habilidades. Ela desmaiava, então acordava como se tivesse tomado stim suficiente para alimentar uma equipe VelocityBall ... por um mês.

Ela respirou fundo, seus olhos se ajustaram ao quarto iluminado pela lua. Então o cheiro a atingiu. Homem, sabão e um leve perfume.

Hunter.

Ela virou a cabeça e o viu dormindo ao lado dela na cama grande.

Estrelas, o homem era lindo. Ela se deixou olhar para ele. E havia muito de Hunt Calder para apreciar.

Ele estava sem camisa, deixando seu peito musculoso nu ao seu olhar. A pele de bronze era marcada aqui e ali por cicatrizes e tinha uma leve cobertura de cabelos escuros. Um braço estava jogado acima de sua cabeça e ela traçou os grossos músculos com os olhos. Ela se perguntou como seria a pele dele se passasse a língua por cima.

Seus olhos estavam fechados, para que ela pudesse estudar aquele rosto robusto e masculino sem a intensidade dos olhos dele distraindo-a.

Cortes duros de maçãs do rosto deram lugar a um nariz que parecia ter sido quebrado uma ou duas vezes. Ela se perguntou por que ele nunca tinha consertado, então ela balançou a cabeça. Hunt não era o tipo de homem que ia gastar e-creds para se tornar bonito.

Ele era forte de muitas maneiras diferentes. Sólido, confiável e honrado.

Outro lapso de energia crepitou através dela, fazendo com que ela se movesse contra os lençóis frios. Mas olhar para Hunt fez com que a energia transbordasse mais profundamente em seu corpo, dirigindo entre suas pernas, deixando-a molhada de necessidade.

Ela tinha que tocá-lo.

Estendendo a mão, ela roçou o cabelo curto dele. Ela viu alguns fios prateados entrando em suas têmporas e novamente, ela sabia que ele não faria nada para escondê-los. E ele não deveria, eles combinavam com ele.

Relda traçou a linha forte de sua mandíbula, gostando do raspar da nuca ali. Ele estava sempre bem barbeado, mas ela gostava dele assim, sem um pouco de vergonha ela correu uma unha para baixo da garganta forte dele.

Uma mão se fechou sobre a dela.

Ela ergueu os olhos e encontrou os olhos azul-gelados dele.

Mas eles não eram gelados. Eles queimavam com uma fome tão forte que roubou o ar de seus pulmões.

— Você está se sentindo bem? — ele perguntou, voz rouca.

Ela assentiu. — Ótima. Depois ... me sinto ótima. Cheia de energia.

Ele se sentou, empurrando um travesseiro atrás das costas. — Hora de falar.

Ela suspirou. — Eu estava com medo que você dissesse isso.

Ela não poderia ter Hunt Calder. Ela não podia ter ninguém. O passado mostrara isso a ela. E o poder que ela segurava era grande

demais. Um deslize e ela poderia matar tantas pessoas. Uma imagem dos olhos sem vida de Hunt passou pela sua cabeça.

Ela cerrou os punhos. Nunca.

Sem pressa, ela saiu da cama e começou a andar de um lado para o outro.

Hunt a observou em silêncio.

Aquele silêncio a fez ficar ainda pior. — Claramente, eu tenho algumas habilidades psiônicas.

Ele continuou observando-a e aquele olhar paciente fez sua raiva explodir.

Ela girou. — Isso é algum tipo de técnica de interrogatório?

Ele sorriu e se transformou em algo espetacular. — Eu não fiz nada.

— Eu sei — ela retrucou e começou a andar de novo. Ela acenou com a mão para ele. — O silêncio, o jeito que você me olha. Isso me faz querer me desnudar.

— Bem, o silêncio e o modo como estou te observando não é uma técnica. Estou te observando porque quero te jogar na cama, arrancar as suas roupas e te foder até que nenhum de nós possa falar.

Relda se levantou e o encarou. Sua pele ficou fria, depois começou a arder.

Ele sorriu novamente. — Mas se você quiser se desnudar, eu posso lidar com isso.

Por que ele estava tão calmo? Ela atirou-lhe um olhar estreito. — Você viu o que eu fiz.

— Sim eu vi. Obrigado por salvar minha vida.

Ela soltou um longo suspiro. — Essa é a ponta das minhas habilidades, Hunt. Eu poderia te matar com um único pensamento.

Ela se virou, envolvendo os braços em volta do meio dela. De repente, ela estava com frio. Ela se perguntou se algum dia se sentiria quente novamente.

Ela não o ouviu se mover, mas seu grande corpo se encostou no dela, seus braços se fechando ao redor dela.

Ela fechou os olhos por um segundo. Ele estava tão quente.

— Eu vi o que você fez, Relda. Eu não tenho medo de você.

— Você deveria ter. Eu poderia destruir este planeta inteiro tão facilmente quanto respirar.

— Isso é muita responsabilidade para uma pessoa carregar. Diga quem você é, Relda. Sem mentiras desta vez.

Ela se inclinou contra ele, só um pouquinho. — Quanto menos você souber, mais seguro você estará.

— Você não quer dizer porque mais seguro você se sentirá.

Ela se lembrava daquele homem há muito tempo que ela pensava que amava. — Isso também.

— Eu não vou trair seus segredos, mas eu preciso conhecê-los para que eu possa ajudá-la.

Ela deixou a cabeça cair para frente e olhou para o braço forte em volta dela. — Se as pessoas descobrirem o que sou, ficarão apavoradas. Caçadores virão. Se essa pessoa procurando pela Trojan Moon sabe ... ele não vai parar em nada para pegar a Moon e eu.

— Você é Vega-Lyran.

Ela ficou em silêncio. Mas ambos sabiam que ela não precisava dizer uma palavra.

Ele acariciou seu pescoço. — Está tudo bem, linda. Eu sei quem você é e ninguém está levando você a lugar algum.

Maldito seja, ele estava fazendo com que todas as suas paredes defensivas cuidadosamente construídas desmoronassem. Seus lábios pressionaram contra o pulso acelerado sob a orelha dela.

Ela arqueou de volta para ele. Ela sabia que deveria afastá-lo. Desde o primeiro momento em que o viu, ela sabia, mesmo sem usar sua habilidade de ver o futuro, que esse homem seria perigoso para ela.

Mas ela não podia afastá-lo. Toda a energia que cantava através dela se transformou em puro desejo e ela sabia que se não o tivesse, pelo menos uma vez, se arrependeria pelo resto de sua vida.

Seu pau muito duro estava aninhado contra a bunda dela e ela esfregou contra ele.

Ele gemeu e beliscou o lóbulo da orelha dela. — Provocadora.

Ela começou a se virar, mas ele a impediu.

— Uh, uh. Na primeira vez, estou te levando. Você só tem que aproveitar.

Suas pernas se transformaram em mingau. Ele girou seus corpos até que eles enfrentaram um espelho na parede distante. Suas mãos subiram e seguraram seus seios. O calor dele queimava através de sua camisa. Sua boca retornou ao lado de seu pescoço, beliscando, lambendo, beijando.

Ela não podia desviar o olhar sensual deles. Ela viu quando ele abriu os botões de sua camisa e a despiu. Em seguida, o sutiã dela seguiu.

— Você tem seios lindos — ele murmurou.

Enquanto enchiam as mãos, ela olhou para os dedos fortes que cobriam sua pele macia. Ele sacudiu os mamilos e ela estremeceu contra ele. Normalmente ela seduzia seus amantes, e não o contrário. Ela sabia o que gostava e quando gostava disso. Era inebriante tê-lo tomando o controle e apenas sentir.

Hunt pressionou beijos quentes contra sua nuca e depois seguiu o rastro de sua espinha. Seus dedos se estenderam ao redor, desabotoaram suas calças e então ele as despiu por suas pernas.

— Tão linda — ele murmurou.

Ele a empurrou para frente até chegarem à cama. Ele a cutucou e ela se ajoelhou ali, ele atrás dela. Pelas energias infinitas, eles pareciam uma imagem sensual e devassa.

— Empurre sua calcinha para baixo, linda. — Sua voz era um grunhido áspero.

Relda lambeu os lábios e fez o que ele pediu, tanto quanto ela poderia tira-los. Sua mão estava mergulhando entre as pernas dela em um instante. Ela assistiu aquela grande mão enrolar em torno de seu corpo, sentiu um dedo deslizar sobre seu clitóris e através da umidade que se acumulava entre as coxas.

— Droga, quente e úmida. — Ele começou uma carícia cruel, rolando seu clitóris entre os dedos.

Seus quadris se ergueram contra sua mão, pequenos gritos escapando de sua garganta.

— É isso aí. Eu quero ver você gozar.

O homem era inebriante.

Seu duro, rude Marshal que só queria cuidar dela. Ninguém jamais cuidou dela.

Um dedo afundou dentro dela e sua cabeça caiu de volta em seu ombro, seu grito ecoando no quarto. Ele arrastou o dedo grosso para fora, em seguida, dois deslizaram de volta, deixando-a sentindo-se cheia.

Ela estava fazendo movimentos frenéticos agora. Seu polegar ainda estava implacavelmente trabalhando seu clitóris e quando ele se inclinou para baixo e mordeu-a, logo na junção de seu pescoço e ombro, Relda gozou duro.

Quando a sensação a tomou, ela olhou cegamente para o espelho. Viu a satisfação intensa no rosto de Hunt e o rubor encheu suas bochechas.

Ela teria desmoronado e batido na cama, mas suas mãos fortes estavam lá segurando-a.

Agora seu rosto parecia um pouco selvagem, desejo era um selo severo em suas feições.

— Eu vou ter você agora. — Ele se abaixou e, em um golpe, rasgou a calcinha dela. Seus olhos azuis encontraram os dela no espelho. — Vai ser rápido e desenfreado.

Ela mordeu o lábio, sentindo a doce ardência do desejo se formando novamente. — Eu gosto muito disso.

Com uma maldição, ele se levantou e, em segundos, suas calças haviam desaparecido.

Pelas energias.

Relda apenas olhou para ele. O homem era o modelo perfeito de macho robusto e forte. E ela estava certa. Ele era grande em todos os lugares. Realmente grande. Seu pênis grande e grosso se arqueava para cima. Ele não seria um ajuste confortável. Ela sentiria cada centímetro dele.

Então ele estava de volta atrás dela na cama. Ele empurrou-a para frente um pouco, correu um dedo entre as pernas novamente, fazendo-a morder o lábio. Então ela sorriu. Ele estava verificando que ela estava pronta. Se ela ficasse mais pronta, ela iria implodir.

Suas coxas batiam nas dela. — Relda, olhe para mim.

Seu olhar se fechou com o dele no espelho, então ele entrou nela em um impulso duro.

— Hunter! — Seu pescoço se arqueou. Ele estava tão profundo.

Tão profundo e duro.

CAPÍTULO SEIS

Hunt foi consumido com uma combinação de luxúria e necessidade violenta.

A sensação de Relda, tão apertada e melosa ao redor dele, era o suficiente para afastá-lo de sua mente. Mas adicionando à visão dela, inclinada para a frente, seu corpo apertado contra sua pele dourada foi o suficiente para explodir sua mente.

Incapaz de segurar mais, ele puxou e mergulhou de volta nela.

Ela gritou e ele segurou seus seios, puxando-a de volta contra ele. Ele bateu nela, um ritmo primitivo que nada poderia parar. Como ele havia prometido a ela, a pele bateu contra a pele, eles estavam tão perto quanto ele poderia obtê-los.

Ela era dele e ele precisava provar isso para ela. Ele nunca pediu nada em sua vida. Ele serviu sua galáxia até que ela erodisse sua alma. Agora ele precisava de algo, alguém, que receberia seu amor e proteção.

E ela estava bem aqui em seus braços.

Ele a empurrou para frente até que seus braços tocaram a cama e sua cabeça descansou sobre elas. Com o rabo bem feito no ar, as pernas ainda abertas, era uma visão que faria um homem cometer um assassinato. E era toda dele.

Ele agarrou seus quadris e mergulhou de volta nela. Mais e mais até que suas mãos estavam torcidas nos lençóis e ela estava se balançando contra ele. Ele sentiu os pequenos e doces apertos que ela fez ao redor de seu pau, e ele sabia que seu orgasmo estava chegando em breve.

Ele alcançou embaixo dela, encontrou aquele pequeno e escorregadio nó novamente e com um único movimento, ela estava gritando seu nome.

Ele bombeou para dentro dela novamente, para baixo, em seguida, segurou-se profundamente dentro dela quando sua própria liberação rasgou através dele. Ele gemeu, bombeando sua semente dentro dela.

Quando Hunt desabou na cama, ele se virou e colocou Relda ao lado dele. Ela caiu em abandono, um braço e uma perna jogadas sobre ele.

Ele acariciou seus cachos selvagens e escutou seu batimento cardíaco inregular voltando a um ritmo normal. Ninguém estava machucando sua mulher, ninguém.

— Eu não usei nenhuma proteção. Mas estou saudável.

Ela se mexeu. — Eu tenho um implante Namah.

O implante que a protegeria contra gravidez e doença. Ele a puxou para mais perto. Ele não gostou do fato de que havia uma barreira química invisível entre eles. Um dia, ele jurou, ele deslizaria dentro dela sem ela.

— Eu sou Vega-Lyran.

Sua voz era um sussurro baixo. Ele sorriu em seu templo. Ouvi-la confirmar, sabendo que ela confiava nele, deu-lhe imenso prazer.

— Meus avós fugiram das execuções. Levando meu pai. Ele se apaixonou por minha mãe, que também era uma sobrevivente de Vega-Lyran. Eles me ensinaram o que podiam sobre meus poderes. — Ela se virou, olhos de esmeralda olhando para ele e uma mão brincando com o cabelo em seu peito. — Normalmente, as crianças de Vega-Lyran são ensinadas por anos sobre como manipular as energias.

— É por isso que o seu controle é instável.

Ela assentiu. — Nós perdemos meu pai primeiro. Os caçadores nos encontraram e ele fez uma distração para que minha mãe e eu pudéssemos fugir.

Sua voz era plena, mas ele ouviu a dor enterrada nela. — Eu sinto muito.

— Dois anos depois, caçadores estavam nos perseguindo no mundo da megacidade de Rendar. Minha mãe entrou em frente a um transporte público.

— Quantos anos você tinha?

— Quatorze.

Deuses, tão jovem. Sua mão apertou o cabelo dela. Não é de admirar que ela colecionasse garotas perdidas. — Eu sei como é perder os que você ama.

Seus olhos verdes piscaram para ele. — Você perdeu sua família?

— Sim. Eu tinha oito anos. Meu planeta natal, Predia foi atacado durante as Guerras da Fronteira. Meus pais e irmão foram mortos nas explosões. Fui levado para um orfanato GSS.

Sua mão pressionada contra o coração dele. — Eu sinto muito, Hunt. E você acabou se juntando ao GSS?

Seu toque era um bálsamo para a dor. — Assim que eu tivesse idade suficiente. — Ele encolheu os ombros. — Isso me deu uma espécie de família, um propósito. O que aconteceu depois que você perdeu sua mãe?

— Meus pais me ensinaram como sobreviver, como me misturar. Eu me mudei muitas vezes, aprendi que era boa em negócios. Depois de alguns anos, abaixei a guarda. Havia um homem.

Os braços de Hunt se apertaram.

— Relaxe, cara grande. — Ela deslizou seu corpo contra o dele. — Eu pensei que o amava, mas eu era jovem e estúpida. Foi paixão na melhor das hipóteses. Mas eu estraguei tudo e disse a ele o que eu era.

Seu tom suave disse a Hunt que não havia corrido bem. — O que aconteceu?

— Ele me vendeu para caçadores de recompensas. Eu escapei ... por pouco.

Que idiota. Hunt sentiu o zunido de raiva em seu sangue. Desejou poder bater naquele bastardo estúpido.

— Eu corri, então, há quatro anos, vim para cá. Você sabe o resto.

— Você se move muito.

Ela suspirou. — Sim. Eu estava esperando parar isso se eu pudesse ...

Ela estava pensando em se mover novamente. Ele apertou os braços. — Você irá. Aqui e agora.

Relda pressionou um cotovelo. — Eu dormi com você, Calder. Isso não lhe dá o direito de ditar minha vida ...

— Eu vou manter você segura. Mesmo se você lutar comigo a cada passo do caminho. — Ele rolou, colocando-a debaixo dele. Ele deslizou dentro dela com um impulso.

Ela gemeu, seu olhar travando com o dele.

Ele bombeou nela, desta vez lento e firme. Ele abaixou a cabeça mais perto da dela.

— Porque você pode não ter percebido isso, mas você é minha.

— Hunter …

Ele puxou para fora, deslizou de volta e ela fez um pequeno grito estrangulado.

— Minha, Eu não vou deixar você ir.

— Maldito macho alfa — ela resmungou.

Mas ela envolveu suas pernas ao redor dele, seus calcanhares cavando na parte de trás de suas coxas para incitá-lo.

Eles nunca tiraram os olhos um do outro enquanto ele continuava a empurrar dentro dela. Ele a viu explodir sobre a borda, nunca se fartaria de vê-la desmoronar em seus braços.

Momentos depois, ele a seguiu, mantendo-se ainda dentro dela enquanto seu corpo estremecia através de seu orgasmo.

Quando ambos puderam funcionar novamente, eles tomaram banho juntos. Ensaboando um ao outro lentamente, acariciando e traçando bordas e curvas.

— Eu amo esse seu corpo grande e resistente. — Relda deu um beijo em seu peito enquanto sua mão se aventurava mais ao sul.

Hunt grunhiu. — Eu prefiro muito mais suas curvas suaves.

Ela traçou uma longa cicatriz desbotada em seu estômago. — Há muitas dessas.

— Eu estive em muitas lutas. Felizmente, não tantas agora.

— Por que você veio para Souk?

— Era hora de me aposentar. A guerra estava me deixando dormente. — Ele estava morrendo por dentro, não tinha certeza porque ele estava lutando. — Eu queria paz.

— A paz parece um conceito tão bom. — A luz desapareceu de seus olhos. — Mas os problemas parece seguir aonde quer que eu vá.

— Ei. — Ele inclinou o queixo para cima. — Vou encontrar quem quer que esteja atrás da Trojan Moon. Eu vou pará-lo.

— Hunter, eles sabem o que eu sou agora… ou pelo menos suspeitam. Eu não posso deixá-los me pegar ou ter a Moon. Não é apenas uma jóia bonita e valiosa. Isso amplifica o poder psiônico.

Ele franziu a testa. — Como?

— Eu não sei exatamente. Lembra que eu disse que havia um mito de que veio da testa da estátua de uma deusa terráquea?

— Sim.

— A testa também era chamada de terceiro olho. Ele representava poderes além do comum. Poderes psiônicos. Quaisquer que sejam as origens da pedra, ela toma o poder do usuário e o amplifica.

— Então, nas mãos de um baixo nível psiônico …

— Poderia torná-los tão poderosos quanto um Vega-Lyran. — Ela abriu a porta do chuveiro. — A minha pele está ficando enrugada, é melhor eu me secar.

Quando Hunt esfregou uma toalha sobre si mesmo, pensou na Trojan Moon e no que ela poderia fazer. Ele tinha que encontrar esse bastardo e acabar com isso ... antes que Relda voltasse a fugir.

Ele a observou secando. Deuses, ele podia vigiar ela e aquela pele nua e dourada o dia todo. Ela cutucou seu armário de banheiro antes de fechá-lo com um bufar.

— Não há uma loção decente em qualquer lugar. — Ela lançou-lhe um olhar de arco sobre um ombro liso.

— Eu vou comprar qualquer loção que você quiser.— Ele sorriu. — Vou até colocá-la em você.

Ela enfiou a toalha em volta do corpo e sorriu de volta. — Tão atencioso.

Hunt foi até o guarda-roupa e vestiu as calças.

— Eu preciso ir ao meu escritório. Ver se minha equipe sinalizou qualquer nave no espaçoporto que possa pertencer a quem quer que esteja por trás disso.

Quando ele encolheu os ombros em sua camisa, ela se aproximou e começou a apertar seus botões.

Ele congelou. Era uma coisa tão… doméstica a fazer. Num piscar de olhos, ele imaginou ela fazendo isso por ele todos os dias. Acordando com seu cheiro de fumaça e especiarias ao redor dele, fazendo amor com ela, tomando banho e se vestindo.

Isso. Ele queria isso.

— Obrigada por me ajudar, Hunt. — Sua voz estava muito quieta.

Ele agarrou as mãos dela. — É o meu trabalho, mas eu faria isso por você, não importa o que aconteça.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou-o.

O beijo começou suave, mas se transformou em algo mais selvagem. Hunt gemeu e a arrastou para mais perto. Suas mãos agarraram seus ombros.

Ambos se separaram, ofegantes.

— Eu tenho que ir. — Mas, caramba, ele queria jogá-la de volta na cama e arrancar as roupas que acabaram de colocar.

Ela endireitou o colarinho. — Eu sei.

— Eu quero que você fique aqui. É seguro. Só eu sei que você está aqui. O apartamento é de propriedade do Gabinete do Marshal, então o público em geral não sabe como localizá-lo.

Ela endureceu. — Eu não vou me esconder e ser uma donzela inútil esperando por um resgate.

— Relda …

— Eu fui caçada toda a minha vida. Eu não vou me esconder, não vou ser uma vítima, não vou deixar eles ganharem.

— Então, você vai agir como isca e depois usar seus poderes neles?

Ela olhou para ele. — Sim.

— E se você perder o controle, você está feliz em arriscar a destruição da cidade, ferindo seus amigos e suas meninas?

Sua boca se fechou.

Ele segurou seus ombros. — Eu sei que você quer lutar e não é da sua natureza esperar, mas deixe-me fazer o meu trabalho, ok?

Ela observou-o firmemente por um minuto inteiro.

— OK. — A palavra foi arrastada para fora dela.

Hunt sentiu como se tivesse ganho a loteria galáctica. Ela estava colocando sua confiança nele. Ele deu um beijo no nariz dela.

— Obrigado. Não vou demorar muito, prometo. Não atenda a porta para ninguém além de mim. Fique dentro …

— Eu entendi, Hunt. Vá, faça o que for fazer, organize as coisas que você precisa organizar.

Com isso, deu-lhe uma leve pancada na bunda e depois a beijou novamente. Desta vez, uma escova rápida na testa. Ele não confiava

em si mesmo para beijar sua boca carnal e não acabar de volta na cama.

Depois que ela fechou a porta atrás dele, ele esperou até ouvir as fechaduras se encaixarem e o bip do sistema de segurança se encaixando.

— Eu sei que você ainda está ai. — disse Relda através da porta. — Vai.

Hunt sorriu para si mesmo e começou a descer as escadas. Mas seu sorriso desapareceu quando seus pensamentos se voltaram para encontrar o bastardo que continuava atacando sua mulher.

***

Relda odiava não fazer nada. Sua pele coçava com a necessidade de estar lá fora, fazendo alguma coisa.

Para se distrair, não teve escrúpulos em bisbilhotar o apartamento de Hunt.

Não que houvesse muito do homem no lugar. Era bastante gritante, as prateleiras vazias e o padrão de mobília. Mas ele tinha uma boa coleção de livros reais. Ela cuidadosamente tocou as capas, vendo que ele favorecia os thrillers militares históricos. Nenhuma surpresa lá. Ela adivinhou que seu Sync estaria cheio do mesmo e facilmente o imaginou esparramado na poltrona no final do dia tomando uma cerveja e lendo um livro.

Ela cutucou em torno de seu armário e encontrou uma enorme quantidade de calças pretas de carga, simples camisas de botão e mais alguns desses coletes táticos.

Mas na outra parede do quarto ela notou uma pequena foto de holo. Uma paisagem. Era de uma bela cena agrária com um grande planeta rodeado por cima. Predia. Sua terra natal. Ela pressionou um dedo na armação e pensou nas terríveis circunstâncias que forjaram um homem tão forte e admirável.

Relda decidiu invadir a pequena cozinha para um lanche quando a porta da frente soou. Seu coração pulou. Talvez Hunt já tenha encontrado os atacantes. Ela correu até a porta e ativou o painel ao lado.

A câmera mostrava um homem loiro-areia em uniforme de Adjunto.

— Senhora, eu sei que você está ai. — disse Westin. — O Marshal só queria que eu checasse você. Não abra a porta, apenas deixe-me saber que você está bem.

Relda franziu o cenho. Hunt disse que só abriria a porta para ele, mas este era o Adjunto Westin, ele tinha sido ferido protegendo-a. E além disso, ela não ia abrir a porta. Ela tocou um botão. — Estou bem. Obrigada.

O rosto do policial se iluminou.

— Excelente. Obrigado. — Ele se virou e saiu.

Ela vagou de volta para a sala de estar. Ela podia ler um dos livros de Hunt, ligar a tela e encontrar um filme. Mas um nervosismo crescia sob sua pele, a energia faiscando ao redor dela.

Ela não podia ver seu próprio futuro, mas suas habilidades sempre davam suas dicas. Algo estava chegando e o que quer que fosse, não era bom.

Ela rodeou os anéis em seus dedos.

Talvez ela devesse ligar para Hunt? Ela balançou a cabeça.

E dizer a ele o que?

Ela estava se sentindo nervosa sem ele?

Respirando fundo, ela andou pela sala de estar. Ela estava bem aqui. Além disso, ela não era exatamente indefesa.

De repente, houve um estrondo alto. Relda girou e viu a porta da frente estremecer sob o impacto de ... alguma coisa.

Outro baque enorme. Mas a porta se manteve.

Ela deu um passo para trás, seu coração martelando.

Uma mancha no centro da porta começou a brilhar. Mudou de ouro para laranja para vermelho escarlate.

Outro estrondo e desta vez, a porção aquecida da porta cedeu.

Relda respirou fundo. Ela sentiu a energia fluir ao redor dela e ela abriu as mãos e segurou os braços na frente dela.

Entre as palmas das mãos, a eletricidade acendeu.

Um pequeno objeto voou pelo buraco da porta, quicou uma vez, depois rolou pelo chão até bater contra os pés descalços.

Uma pequena vasilha preta. Com um silvo silencioso, um gás verde liberado das extremidades dele.

Que diabos? Relda recuou. Sync, ela precisava chegar ao seu Sync. Ela se afastou, mas o gás estava subindo, enchendo a sala. Ela franziu o nariz, mas descobriu que não cheirava mal. A eletricidade entre as mãos dela morreu e sua visão ficou turva.

Suas habilidades ... foram embora.

E ela se sentiu tonta.

Ela tropeçou, apontando para o quarto. Mas alguém a agarrou por trás, levantando-a do chão.

Ela teve um vislumbre do rosto do Adjunto Westin antes que algo fosse puxado sobre seus olhos.

— Você vale muitos e-creds, Srta. Dela-Cruz — disse o homem. — Uma vida real Vega-Lyran ... é um monte de e-creds.

Ela tentou chutar e torcer, mas seus membros pareciam incrivelmente pesados. E a cabeça dela parecia estar tapada com cola.

O homem entrou pela porta quebrada e jogou algo de volta no apartamento. Ela ouviu o tilintar quando bateu no chão.

Quando saíram do prédio, a Relda ouviu o estrondo de uma explosão seguida de vidro quebrado.

Hunt. Ela tentou gritar, mas o nome de Hunt era apenas um eco em sua cabeça.

CAPÍTULO SETE

Hunt sentou-se em seu escritório, olhando para o console do computador. Ele estava olhando através da pequena lista de naves estelares no porto. Nada estava pulando.

Um freighterhip possuído por um comerciante que frequentava Souk regularmente. Navio de passeio de propriedade da Miro Enterprises. Eles faziam passeios de prazer ao redor do sistema estelar. Hunt esfregou a mão no rosto. Talvez seu palpite para verificar os navios fosse um fracasso.

A próxima imagem o fez parar. Um cruzador de luxo de alto nível chamado Oracle. Registrado para um Timothy Li. Hunt fez uma pesquisa preliminar. Li fazia parte de uma pequena raça telepática do sistema Ming. Batendo os dedos contra a escrivaninha, Hunt executou uma pesquisa mais detalhada sobre Timothy Li.

O homem era um colecionador de artefatos antigos. Os instintos de Hunt saltaram para a vida e eles salvaram sua bunda muitas vezes para ele ignorar isso. Hora de ir fazer uma visita a Timothy Li para uma inspeção aleatória do navio.

De repente, um alarme soou do seu Sync. Cada músculo em seu corpo ficou tenso. O alarme de segurança em seu apartamento!

— Marshal! Marshal!

Hasan apareceu na porta. O jovem policial estava ofegante de seu sprint.

Hunt ficou de pé. — O que é, Hasan?

— Seu apartamento, senhor …

— Desembucha! — O temor coalhou nas veias de Hunt.

— Houve uma explosão ...

Hunt correu. — Hasan, você está comigo. Pegue Suleman e Westin também.

— Sim senhor.

Do lado de fora, Hunt pulou em um dos rastreadores do Departamento. O rastreador era uma motocicleta movida a água e baixa, que podia facilmente manobrar pelas ruas estreitas de Medina. Ele ligou o motor, inclinou-se para a frente, segurou os controles e partiu. Rápido.

Ele passou pelos becos e ao redor de qualquer pessoa em seu caminho. A fumaça subindo acima dos edifícios fez sua mandíbula apertar.

Esteja bem, linda.

Adiante seu apartamento apareceu. A fumaça ainda vazava do topo do prédio, mas a nave de combate a incêndio dos bombeiros pairava acima e tinha encharcado as chamas com espuma retardante.

Por Deus.

A garganta de Hunt estava tão seca que ele não conseguia engolir. Ele deslizou até parar e saltou do rastreador. Ele nunca deveria tê-la deixado sozinha.

Ele olhou para os restos carbonizados, o cheiro de fumaça afiada em seu nariz. Isso o lembrou de outro dia terrível. Sua casa queimando. Seus pais sendo mortos. E de todos os campos de batalha onde ele perdeu homens e mulheres corajosos.

Ele atacou o prédio. Ele tinha que encontrar a Relda.

De repente, dois dos seus adjuntos e três bombeiros estavam lá, segurando-o de volta.

— Deixe-me ir — ele rugiu.

— O edifício não está seguro — gritou um dos bombeiros.

— Ela está lá em cima. Eu tenho que chegar até ela. — Ele disse a ela que ele a protegeria.

O bombeiro suspirou, sua voz se suavizou. — Se houvesse alguém lá em cima, não há nada que você possa fazer por eles agora. Um explosivo militar foi usado. Eu sinto muito.

A luta escapou de Hunt e uma desolação fria passou por ele. Sua cabeça caiu no peito e ele lutou por ar.

— Senhor? — A voz de Hasan era hesitante. — Srta. Dela-Cruz ... ela estava no seu apartamento?

Ele conseguiu um aceno de cabeça, incapaz de tirar as palavras da garganta fechada.

— Sinto muito senhor.

Ele olhou para seus homens, franziu a testa. — Onde está Westin?

— Não podemos encontrá-lo, senhor. Ele está desaparecido desde esta manhã.

Algo não estava certo.

Hunt olhou para os restos latentes de seu apartamento. Finalmente seu cérebro entrou em ação, trabalhando através do desespero. Havia muitas lembranças antigas misturadas com seus sentimentos pela Relda e isso estava afetando seu pensamento.

Hunt respirou fundo, puxando tudo e tentando entender os aromas. Ele se aproximou da porta, lutando contra o forte cheiro de fumaça. Ele cheirou o aroma do ensopado Soukan, seu vizinho do andar de baixo sempre cozinhando. Ele pegou o cheiro forte de explosivo de lastite. E lá ... apenas o menor traço de especiaria esfumaçada.

Relda não estava lá, ele sabia disso. Quem quer que estivesse atras de Trojan Moon a levara.

— Spaceport. Agora. — Hunt correu para o rastreador. — Hasan, entre na comunicação e envie uma ordem de não decolagem para todas as naves estelares.

Deuses, não me deixe chegar tarde demais.

Eu estou indo, linda.

***

Relda acordou. Zonza, doendo e confusa.

Ela se moveu e ouviu as correntes baterem. Seus olhos se abriram e ela percebeu que seus braços estavam esticados acima da cabeça e acorrentadas ao teto ... de uma nave estelar. O pânico entrou, tornando difícil respirar. Ela estava nua e seus pés estavam acorrentados também.

Infinita energia, seus ombros doiam.

— Excelente. Você está acordada.

A voz masculina e nítida fez com que ela levantasse a cabeça.

Encostou-se à parede oposta, ao lado de uma janela do chão ao teto que mostrava a vista dos muitos navios no espaçoporto de Souk. Ele era de estatura média, magro, vestindo um terno feito de algum tecido caro com um brilho. Seu rosto era comprido e estreito, com um pequeno cavanhaque e olhos de um líquido negro. Ele era mais velho, e não era apenas a prata que enfiava seu cabelo negro nas têmporas que o davam, ele tinha o ar de um homem que sabia o que queria e conseguia.

Mas sua aura dominava. Muitos tons feios de verde ciumento misturado com preto sem alma.

— Quem ...— sua voz falhou, sua garganta seca. Ela engoliu e tentou novamente. — Quem é você?

— Timothy Li. — Ele esboçou um pequeno arco.

Ela reconheceu o nome. Ela tinha o hábito de manter um ouvido discreto no chão para qualquer pessoa que estivesse interessado demais em Vega-Lyrans. Timothy Li não estava apenas interessado, ele estava obcecado.

Li chegou mais perto, estudando-a com um interesse agudo que fez sua pele se arrepiar. Quando ele estendeu a mão, ela se encolheu. Ela tentou usar suas habilidades, mas seu sistema ainda estava lento, suas habilidades nada além de um piscar de olhos.

— A química que usamos para subjugar você também anula suas ... habilidades. — Ele estendeu a mão, os dedos roçando o seio dela enquanto ele segurava a Trojan Moon. Ele segurou por um segundo, os olhos brilhando. Então ele estendeu a mão, sua respiração em seu rosto quando ele desabotoou a corrente.

Ele segurou, a luz capturando os redemoinhos da joia azul-acinzentada.

— Incrível. Eu não pude acreditar quando um associado me descreveu ela. E que ele a viu pendurada no pescoço de uma bela cartomante no meio do nada.

Apenas um encontro casual aleatório. A injustiça disso a queimou. — Como você sabia que era a Moon?

— Ele brincou sobre o fato de ter achado que tinha ficado vermelho, só por um segundo, enquanto você dizia o futuro. E eu sabia que tinha que ser a Trojan Moon. Eu sabia que o brilho vermelho era

único para a lua. — Ele sorriu como uma criança excitada. — Eu tenho um pouco de sangue Vega-Lyran, você sabe.

Okay, certo. Relda revirou os olhos, certificou-se de que ele a viu fazer isso.

Seus dentes se juntaram e seus olhos quase negros se fixaram nela. Ela sentiu sua pele se arrepiar.

— Eu nunca, em um milhão de anos, achei que encontraria uma Vega-Lyran real, viva e cheia de sangue. — Timothy Li inclinou-se para mais perto, sua aura faiscando com um preto alaranjado e incolor. Ele traçou um dedo pelo lado do pescoço dela e ela estremeceu. Seus olhos brilharam com uma mistura doentia de temor, medo e excitação. — Eles dizem que foder uma de sua espécie pode fazer um homem imortal.

A bile era um gosto ácido em sua boca. De onde eles tiraram essas ideias estúpidas?

— E se for comido, seu coração pode transferir seus poderes.

— Se você acredita nessa bobagem, então você é mais burro do que eu pensava — ela retrucou.

Ele recuou. — Bem, nós descobriremos em breve. E mesmo sem você, eu tenho a Moon para amplificar meus poderes. — Ele caminhou até um painel de comunicação na parede. — Darrah, comece os preparativos para a decolagem. Eu gostaria de sair deste mundo remanso e voltar ao espaço civilizado.

O pulso de Relda saltou e depois correu.

— O Marshal virá atrás mim. — Por favor, me encontre, Hunt. — Ele é um homem sincero que nunca desiste.

Li levantou um ombro. — Ele não vem, Srta. Dela-Cruz. — Um sorriso agudo. — Quem você acha que vendeu você para mim?

Sua visão ficou turva e tudo dentro dela apenas ... parou. A dor era tão grande que ela se sentia sufocada.

— Todo mundo tem seu preço. — O sorriso de Li se aprofundou. — Sou muito bom em encontrar as fraquezas das pessoas e explorá-las. O Gabinete do Marshal era muito fácil de se infiltrar. Agora, se estabeleça, temos um longo vôo pela frente. — Seu olhar deslizou por seu corpo. — E nós vamos aproveitar ... juntos.

Seu peito estava tão apertado que mal conseguia respirar. Ela não poderia convocar qualquer reação aos grandes planos de seu captor.

Ela foi quebrada por dentro.

Hunt … sua mente se afastou. Ela não conseguia nem pensar nele. Doia muito.

— Eu vou ter um dos meus homens entrando e dando-lhe outra dose da minha mistura especial. Não posso ter você capaz de usar esses poderes fabulosos.

Timothy Li saiu a passos largos, gritando ordens.

Relda caiu em suas correntes. Ela precisava encontrar uma maneira de escapar e então ela tinha que decidir o que fazer a seguir.

Ela tinha que sair de Souk.

Ela olhou pela janela, para o espaçoporto lotado e, além dele, as sombras das montanhas de Jabaal e a jóia brilhante do lago Gameelah aninhavam-se em sua base. Ela pensou em suas garotas ali, esperando que ela voltasse.

Hunt. Ele poderia realmente tê-la traído?

Ela conseguiu puxar um pouquinho de ar. Ela se moveu, as correntes cravando em seus pulsos. A dor clareou um pouco a cabeça dela.

Memórias de Hunt correram para dentro. Seu campo de energia brilhante e vibrante. A maneira composta que ele enfrentou seus atacantes e o nano-droid. O olhar intenso e possessivo em seus olhos enquanto ele a amava.

Hunt, seu nobre e resistente guerreiro que ainda honrava as memórias da família que ele perdeu e os soldados sob seu comando por quem ele sentia ter falhado.

Um homem que morreria antes de trair alguém.

Ela tinha que sair deste maldito navio e chegar a Hunt.

A porta se abriu e um homem familiar entrou. Vestindo um uniforme familiar. Adjunto Westin.

— Hunt irá rastreá-lo e matá-lo — disse ela.

O homem se aproximou, um injetor de pressão em suas mãos, seus olhos estavam cheios de tristeza. — Eu sei. Eu adivinhei onde ele escondeu você ...

— Por que você fez isso? Fazer o trabalho sujo de Timothy Li e trair Hunt?

— Eu sinto muito. Eu tenho uma filha ... ela está doente. Peste Aboliana.

O estômago de Relda se apertou. Era uma doença incurável que lentamente destruia os órgãos.

— Eu não podia pagar os órgãos clonados que ela precisa … — Sua voz engatou. Ele levantou o injetor. — Eu sinto muito. — Um sussurro áspero.

Ela levantou o queixo e olhou pela janela. Ela era uma sobrevivente. O que quer que acontecesse, ela não aceitaria isso quieta.

De repente, um alarme soou através do navio. O policial correu para o painel de comunicações e bateu com a mão contra ele. — O que está acontecendo?

— A porra do Marshal emitiu uma ordem de não decolar. — A voz de Timothy Li trovejou através do comunicador. — Nós precisamos ir. Agora! Injete-a e leve sua bunda até o cockpit para ajudar.

Relda examinou o espaçoporto. Ofegou. Ela viu uma multidão se movendo através das naves estelares, encabeçada por um pequeno grupo de uniformes escuros. Um homem de cabelos escuros na frente era mais alto que a multidão.

Seu coração se arrepiou. Ele estava vindo.

Westin entrou na frente dela.

— Por favor, não faça isso — disse ela. — Nós vamos ajudar sua garota, mas não faça isso.

Ele suspirou. — É tarde demais.

Houve um leve rugido e ela ouviu os motores do navio se acenderem. Ah não.

Relda tentou tocar suas habilidades novamente.

Lá. Apenas um pequeno brilho. O veneno havia funcionado em seu sistema apenas o suficiente.

— Eu também sinto muito. — Ela puxou tanta energia para ela quanto podia e jogou no homem.

Ele voou para trás, a luz queimando ao redor dele. Ele bateu na parede, sua cabeça fazendo uma rachadura nauseante contra o metal. Ele caiu no chão.

Ela olhou para as correntes. Ela olhou fixamente e observou como os elos de prata se tornavam amarelos e queimavam a laranja derretida. As correntes se quebraram.

Ela caiu para frente em suas mãos e joelhos e mal parou seu rosto de bater no chão liso. Ela sentiu o pulsar dos motores pelo chão. Não demoraria para decolar.

De pé, ela examinou a sala. Ela precisava de algumas roupas, ela precisava da Trojan Moon, e então ela estava saindo deste navio. Ela encontrou o painel liso de um armário de armazenamento. Dentro havia alguns macacões prateados.

Ela poderia querer os braços fortes de Hunt em volta dela, mas, ela mordeu o lábio, sabia que não poderia mantê-lo. Ela cometeu um erro aqui, deixando as pessoas chegarem muito perto dela. Ela não queria que eles se machucassem por causa dela.

De repente, o navio levantou do chão.

Não!

***

Hunt correu na direção do elegante e prateado cruzeiro. Ele podia ver que seus motores já estavam funcionando e estava a segundos da decolagem.

Ele ainda estava a trinta metros de distância quando subiu no ar.

— Não! — ele rugiu.

Ele se lançou para frente, com vapor quente banhando seu rosto. Hasan segurou seu braço e o puxou de volta.

O coração de Hunt era frio e duro no peito. Ele não podia perdê-la.

De repente, o navio a apenas dez metros do chão balançou para o lado.

Seus pulmões se contraíram e a multidão, em sua maioria donos de barracas de mercado Souk que vieram quando ouviram Relda estar em apuros, ofegou.

Ele teve um rápido vislumbre do motor de estibordo. Estava superaquecendo.

O navio bateu no chão, pegando um cargueiro próximo com um estalido de metal antes de descansar inclinado para o lado como um navegador espacial bêbado depois de uma farra.

Hunt se libertou de seu assistente. Ao se aproximar do navio, ele viu uma porta de carga aberta. E uma figura magra saltou para fora.

Seus passos diminuíram. A mulher caminhando em direção a ele usava um macacão prateado com detalhes azuis brilhantes. Seu cabelo escuro estava puxado para trás em um rabo de cavalo alto, que lhe deu um grande alívio, maçãs do rosto altas, queixo forte e aqueles olhos brilhando com chamas vermelhas.

Não havia sinal da cartomante de paquera ou mesmo da mulher sensual que ele fizera amor.

Essa mulher era a poderosa Vega-Lyran.

Quando ela se aproximou, as naves estelares de ambos os lados se deslocaram pelo chão, saindo de seu caminho. Uma onda de poder emanou dela, fazendo a pele de Hunt arrepiar.

A multidão atrás dele ficou mortalmente silenciosa.

— Marshal, um Timothy Li está no navio. Você vai querer prendê-lo, o policial Westin e o resto dos homens de Li. — Sua voz era sem tom, seu rosto frio e composto.

Ela poderia ser uma raça mítica psiônica, mas ela ainda era Relda. Sua Relda.

Hunt agarrou-a pelos ombros e puxou-a para o peito dele. Ele pressionou a bochecha no topo da cabeça dela. — Estou tão feliz por você estar bem. Quando eu vi o apartamento ... — Sua garganta se fechou.

Seu corpo suavizou por um segundo, inclinando-se para ele. — Estou bem. Apenas um arranhão.

Respirou profundamente e, sob o cheiro forte do macacão, sentiu o cheiro dela. Esse tempero viciante.

Então ela se afastou. As chamas em seus olhos diminuíram. — Hunt …

Houve o som de foguetes disparando. Os dois se viraram e viram um pequeno lançamento de navio de fuga, de um homem só, e uma escotilha da viatura caída.

— Droga. — Relda jurou. — Timothy Li.

— Vou colocar sua descrição nas listas de fiscalização da Patrulha. Nós vamos encontrá-lo.

Relda sacudiu a cabeça.

— Ele tem a Trojan Moon. — Ela olhou para Hunt com seus olhos de outro mundo. — Eu não posso deixá-lo escapar com isso e ... ele sabe o que eu sou.

Ela lançou um olhar para a multidão. Nas pessoas que ela chamava dela há quatro anos, e até mesmo através do vermelho piscando, ele viu o lampejo de agonia.

Ela se afastou e levantou as mãos no ar.

O navio de fuga estava subindo rapidamente, uma trilha de vapor atrás dele.

As mãos de Relda começaram a brilhar. Um brilhante e atraente ouro.

O navio de fuga vacilou. Parou de subir e começou a cair de volta ao chão. Começou uma espiral doentia.

Os murmúrios na multidão eram uma mistura de horror, choque e excitação.

Hunt sabia que Relda os ouvira porque viu seus ombros se curvarem um pouco. Mas ela manteve seu foco no navio.

A nave de Timothy Li foi jogada de volta para eles. Hunt ouviu seus auxiliares dirigindo a multidão para trás. Mas Hunt apenas assistiu a Relda.

Ela era magnífica. Havia algo mais atraente do que uma mulher forte e poderosa?

De repente, o navio diminuiu a velocidade. Relda moveu as mãos, como uma linda dança, e o navio parou. Ela moveu os braços em direção a uma área aberta livre de navios não muito longe.

E abaixou o navio.

Ela estava caminhando para lá e Hunt estava um passo atrás dela.

O cockpit se abriu e um homem esbelto e moreno saiu correndo, caindo no chão. Ele estava soluçando.

Relda se curvou e pegou a Trojan Moon de seu pescoço. Então ela se aproximou e sussurrou para Timothy Li.

— Nunca mexa com uma Vega-Lyran. Eu poderia te matar em um piscar de olhos. — Ela cerrou a mão em um punho e Timothy Li se encolheu. — Você menciona-me a qualquer um, se você vier atrás de mim ou da Moon novamente, eu vou acabar com você.

Os olhos aterrorizados de Li se voltaram para Hunt e, vendo o uniforme, ele começou a tagarelar. — Ela tentou me matar! Prenda ela!

O queixo de Hunt rachou sob a tensão que o rasgou. Ele manteve a voz baixa. — Você quase matou minha mulher. Você explodiu meu apartamento. Você levou a cabo crimes na minha cidade. Você. Quase. Matou. A. Minha. Mulher. — Até mesmo Hunt ouviu a raiva em sua voz. — Você tem sorte de eu não deixar ela te matar agora.

Atrás dele, Hunt ouviu seus policiais correndo. — Marshal!

— Adjunto Hasan, prenda este homem. Eu quero ele trancado em uma cela.

Então Hunt virou-se para Relda.

Ela estava assistindo a multidão. Ele se aproximou. Ele sabia o que ela viu. Confusão, admiração e medo.

— Relda, dê a eles algum tempo …

— Eu tenho que ir.

Seu intestino se apertou. Ela não estava falando em voltar para a casa dela. Ela estava falando em sair. Deixar Souk. O deixar.

— Não.

— Não é sua decisão, Calder. — Ela deu um passo e ele a viu cambalear.

Ele estava esperando e quando ela entrou em colapso, ela a pegou em seus braços.

Ele não poupou a multidão outro olhar, apenas disse a Hasan:

— Entre em contato se precisar de mim.

CAPÍTULO OITO

Relda acordou com a luz do sol manchada em seu rosto e os aromas doces de água fresca, grama verde e flores de jasmina. Ela abriu os olhos, tomando um segundo para se orientar.

Ela estava vestida com uma simples troca de linho branco que era suave contra sua pele. Ela estava deitada entre um monte de travesseiros estendidos sobre um cobertor na beira do lago Gameelah. Ela viu sua pequena e limpa casa no lago, com suas lindas paredes creme, detalhes em ferro preto e uma videira de jasmina verde subindo pela lateral da casa. As grandes portas de vidro estavam abertas e brancas, cortinas transparentes flutuavam na brisa leve.

Energia estava zumbindo através dela. Fisicamente, ela se sentia ótima, mas por dentro seu coração estava quebrado.

Ela teve que deixar tudo isso para trás.

Ela virou a cabeça e o viu.

Hunt estava reclinado nas almofadas ao lado dela, lendo um de seus livros. Como sempre, ele parecia ridiculamente masculino. Ele era tudo que ela sempre quis em um homem.

Mas ela tinha que deixá-lo para trás também.

Não era só para se salvar. Era porque ela colocou ele, e todas as outras pessoas que ela tinha começado a gostar aqui em Souk, em risco. Ela nunca se arrependeria de ser Vega-Lyran. Era quem ela era. Mas esta era a primeira vez que ela desejou ser apenas uma humana comum sem habilidades extraordinárias. Então ela poderia ser a amante de um Marshal, recebê-lo em casa todas as noites, levá-lo em seus braços todas as noites.

Ela deve ter suspirado, porque Hunt se virou para olhá-la.

Ele sorriu. — Acordou.

— Sim. — Ela estava, e a energia nela estava procurando liberação. Esta era sua chance de ter Hunt mais uma vez antes de partir.

E ela estava tomando.

— As meninas? — Ela olhou para a casa.

— Voltaram para a cidade. Elas queriam consertar as coisas em sua casa.

O pensamento de nunca mais ver as meninas novamente deixou uma pontada em seu coração. Mas Hunt cuidaria delas.

Relda se arrastou até ele em suas mãos e joelhos. Ele a observou chegando, jogando seu livro de lado. Seus olhos azuis acenderam.

Não, ela nunca se cansaria de ver o desejo ardente nos olhos de Hunt. O pensamento de alguma outra mulher em seu futuro apreciando a visão fez garras arrecadar suas entranhas.

— Relda …

— Não fale. — Ela se estabeleceu entre as pernas estendidas. Então as mãos dela estavam no cinto dele e o aperto das calças, tirando-as.

Ele fez um som profundo em sua garganta, mas ele ajudou-a com uma elevação de seus quadris. Seu grande pau se derramou em suas mãos. Ela traçou a veia grossa e pulsante na parte de baixo, aproveitando seu silvo de respiração.

Ela fez um zumbido na garganta.

— Tão longo e grosso. — Ela não deu a ele a chance de dizer mais alguma coisa.

Ela se inclinou e tomou sua ereção em sua boca. Ela lambeu e chupou, sentiu o estremecer de seus quadris e sua grande mão segurando a parte de trás de sua cabeça. Mas o resistente e protetor Hunt Calder não puxou o cabelo nem dirigiu seus movimentos. Ele apenas a segurou lá, apoiando-a enquanto ela lhe dava prazer.

Ela levou-o em sua garganta, relaxando seus músculos e depois engolindo contra seu pênis. Levou um tempo para se ajustar ao tamanho dele. Seu profundo gemido longo a fez sorrir. Ela se afastou, girou a língua ao redor da cabeça dele, antes de levá-lo de volta.

O sol estava quente em suas costas, o homem debaixo dela duro e o desejo ondulando dentro dela incandescente.

Mas tanto quanto ela queria fazê-lo derramar em sua boca e absorver toda a sua semente, ela o queria enterrado dentro dela. Ela precisava dele para preencher o vazio dolorido dentro.

Relda se afastou, lambendo os lábios.

Hunt gemeu novamente. — Nada como ver uma mulher que ama o pau de seu homem e não tem medo de mostrar isso.

Uma emoção quente passou por ela. O homem dela. Por enquanto, neste momento, ele era. Ela puxou a camisola sobre a cabeça. Enquanto ele observava sua nudez, seu olhar quente em seus seios, ela nunca se sentiu mais bonita ou mais desejada.

Ela montou seu colo, usando as mãos para posicionar seu pênis duro entre suas pernas. Então ela levantou a cabeça. Seu olhar se fechou com o dela e ela se afundou, levando-o para dentro, centímetro por centímetro duro. Seus lábios se abriram, a deliciosa sensação dele esticando-a era incrível.

Quando ela levou tudo, ela agarrou seus ombros musculosos, enquanto suas mãos agarravam seus quadris.

— Você é tão bonita. E apertada. — ele rosnou.

Ela levantou-se.

— Eu estou planejando montar você duro, Marshal. — Ela afundou de volta.

Os músculos do pescoço dele se esticaram. — Você me monta como quiser, Relda. Eu sou todo seu.

Ela sabia, no fundo do coração, que era verdade. Ela simplesmente não podia ficar com ele.

O desejo e a dor a levaram a estabelecer um ritmo punitivo. Subindo e caindo sobre ele, apertando seu pênis com seus músculos internos até que ele estava xingando, suas mãos ajudando a bater seu corpo sobre o dele.

Seu orgasmo não se construiu devagar ou lhe deu qualquer aviso. Apenas bateu nela, curvando suas costas enquanto seu grito ecoou sobre o lago. Seu corpo convulsionou, as unhas cravadas na pele de Hunt, tentando encontrar alguma âncora no êxtase avassalador.

Quando ela podia respirar novamente, os braços de Hunt estavam apertados ao redor dela, segurando-a ainda. E seu pênis ainda estava dentro dela, quente e duro.

— Hunt?

— Você gozou?

Suas pernas pareciam água e sua pele estava corada. — Sim.

— Boa. — Ele se moveu, jogando-a de volta nos travesseiros, seu grande corpo caindo com força sobre o dela. Suas pernas se separaram, seus quadris caindo mais profundamente no berço dela. Então ele começou a bater dentro dela.

Energia infinita.

Seus olhos ameaçaram rolar para trás em sua cabeça. Hunt bateu dentro dela, enchendo-a. Era demais, bom demais.

— Minha. — Ele inclinou seus quadris, forçando-se mais profundamente. — Você é minha, Relda. Não estou deixando você se afastar de mim.

Relda não conseguiu responder. Loucamente, ela sentiu seu corpo apertar novamente, outra liberação prestes a cair sobre ela.

Ele empurrou novamente e ambos se quebraram. Ela mordeu o ombro dele, seus dentes afundando em músculos duros e o gemido de Hunt foi alto enquanto ele se derramava dentro dela.

Ambos estavam ofegando nas almofadas, agarrando-se como sobreviventes de um acidente de nave espacial.

— Eu tenho que ir, Hunt.

— Não.

Ela apertou os olhos fechados. — Sim. Não apenas para me manter segura, mas para manter as pessoas aqui em segurança. De meus poderes e quem quer que esteja procurando usá-los.

Seus braços se apertaram ao redor dela. — Não.

Homem teimoso. Ela pressionou os lábios contra o peito dele. — Você viu o jeito que eles olhavam para mim. Eles me conhecem há anos e ainda ...

— Eles estavam em choque, Relda. Dê a eles uma chance.

Ela começou a sacudir a cabeça e ele segurou suas bochechas. — Quando souberam que você estava com problemas, todos se recusaram a ficar para trás. Eles queriam ajudar a encontrar você ...

— Então eles viram o que eu poderia fazer. — Ela agarrou seus pulsos, bebeu sua força. Ela precisaria disso para se afastar. — Quanto

tempo antes de um deles falar com a pessoa errada ou precisar de e-creds? Eu tenho que ir. Não faça isso mais difícil do que já é.

Ele soltou um longo suspiro. — OK.

Ela pegou um punhado de cachos e os empurrou por cima do ombro. — Eu preciso voltar para a cidade, pegar algumas coisas da minha casa. — Ela escondeu todas as suas emoções agitadas por trás de um rosto frio.

Suas características duras eram tão compostas que ela não tinha ideia do que ele estava pensando. Seu brilhante olhar percorreu seu rosto. — Eu te pego.

Ele não iria lutar com ela. Relda sentiu os lábios tremerem antes de firmá-los. Estúpido dela querer que ele gritasse com ela, brigasse com ela, lutasse por ela.

Quando ele a empurrou de volta nas almofadas, seus olhos se arregalaram. Ele estava nela antes que ela pudesse se mover, passando a mão pela coxa nua.

— Mas primeiro, tenho outra coisa que quero fazer.

Quando sua mão mergulhou entre suas pernas, encontrou-a molhada e escorregadia, suas pálpebras tremeram e ela arqueou, empurrando-se em suas mãos.

Só mais uma vez.

***

Relda observou a paisagem passar enquanto se aproximavam de Medina no transporte de Hunt. O veículo rodava em anti-grav, percorrendo a paisagem silenciosa e suavemente. Não foi surpresa

para Relda que ele preferisse dirigir no manual e não no piloto automático.

Ela se afastou das fazendas que agora estavam dando lugar a mais casas e lojas quando se aproximavam da cidade. As mãos grandes de Hunt seguravam o volante com facilidade, mãos que há não muito tempo a tocavam, acariciavam e a levaram a três orgasmos alucinantes.

O pensamento de deixá-lo a destruiu. Ela se enrolou em si mesma, de repente muito fria.

Logo eles estavam nas ruas da cidade. Ele estacionou no Gabinete do Marshal e eles caminharam em direção a casa dela.

Ele não disse nada. Talvez não houvesse mais nada a dizer.

Eles se voltaram para o beco dela e Relda parou.

Estava cheio de pessoas.

Donos de barracas do mercado, seus empregados, os representantes de Hunt, as meninas e até as crianças de rua corriam e dançavam no meio do grupo. Provavelmente pegando bolsos.

— Relda! — Alia os viu e correu em sua direção. Ela jogou os braços ao redor do pescoço de Relda. — Estamos tão felizes por você estar bem. Nós estávamos com tanto medo.

Quando a garota recuou, Relda olhou para a multidão. Até seus vizinhos estavam aqui.

Ela olhou para Hunt. — Você organizou isso.

Ele apenas olhou para ela, um pequeno sorriso nos lábios.

— Relda. — Lars, dono de uma barraca de comida, aproximou-se, um sorriso visível em seus olhos que parecia gelo rachado. — Isto é para você. — Ele estendeu uma pequena cesta cheia de doces e pães

doces feitos a partir de receitas de seu mundo natal de Perma. — Pensei que você não estaria preparada para cozinhar agora.

Ela pegou a cesta, olhando fixamente para ela. — Obrigada, Lars.

— Relda, Relda! — Um dos meninos da rua passou por Lars. Ele levantou um pequeno buquê de flores silvestres murchas. — Para fazer você se sentir melhor. — Ele sorriu timidamente e baixou a cabeça.

O corpo grande de Hunt roçou o dela por trás, seus lábios fizeram cócegas em sua orelha. — Parece que eu tenho alguma competição.

Uma mulher mais velha, uma das vizinhas da Relda, correu para a frente. — Todos nós deixamos algumas coisas, querida. Para ajudá-la a descansar e se recuperar depois da sua provação. — Ela pegou a cesta da Relda e passou para Alia. — Suas garotas colocaram todas dentro.

Relda sentiu uma onda esmagadora de emoção enchê-la. Ela tentou falar, mas sua garganta estava tão grossa que não conseguiu pronunciar nenhuma palavra. Ela olhou para todos eles e não viu medo, nem terror. Eles estavam olhando para ela do mesmo jeito de sempre.

Hunt envolveu um braço em volta dos ombros e puxou-a para o lado dele. — Relda está cansada. Ela vai alcançar todos vocês em breve.

Houve um coro de desejos e admoestações para descansar enquanto Hunt a puxava para o interior frio de sua casa.

As garotas se agitaram, dizendo que haviam limpado os quartos e colocado uma bandeja de comida no andar de cima para ela.

Pria se adiantou e apertou uma garrafa na mão de Relda. — Para ajudar você ... a relaxar.

Era um óleo de massagem. A garota listou os aromas do lado em um floreio de caligrafia. Quando Relda leu os nomes, seus olhos se estreitaram. Eles eram todos afrodisíacos.

Então as meninas foram embora em uma agitação de atividade.

— Vamos lá, linda. — Hunt a cutucou pelas escadas.

Relda entrou em seus aposentos. Não havia evidências de que uma luta de vida ou morte tivesse acontecido aqui, nenhum sinal do nano-droide permaneceu. Tudo estava exatamente como ela gostava.

Não, tudo estava como ela amava.

Ela pensou que estava se escondendo das pessoas aqui ... em vez disso, ela fez uma casa sem perceber.

— Eu… eu… — Pela primeira vez, a Relda não encontrou nenhuma palavra.

Hunt caiu em um dos sofás e, com um puxão, caiu em seu colo. Ele acariciou uma mão pelo braço dela. — Eu lhe disse para dar um pouco de tempo para processar. Apesar de todo aquele poder incrível preso em seu corpo decididamente delicioso, eles te conhecem. Relda a empresária, a socorrista das meninas, a mulher sensual. Você é um deles e eles não querem que você vá a lugar algum.

Oh, como ela queria acreditar nisso. Queria pertencer. Queria ficar.

— É perigoso …

— Timothy Li não vai contar a ninguém sobre o que aconteceu aqui.

O tom frio de Hunt deu arrepios à Relda. — O que você fez?

— Eu tive uma pequena … conversa com ele. Enquanto você dormia.

— Ele ainda está vivo?

Hunt lançou-lhe um olhar. — Infelizmente sim. Eu ainda sou um Marshal com um juramento.

E um bom homem.

Ela segurou o rosto dele, sentiu o raspar da barba em suas bochechas, seus olhos azuis estavam presos nela.

— Li está em uma cela. Com o Westin. — Um músculo na mandíbula de Hunt flexionou-se. — Relda, as pessoas daqui protegerão seu segredo. E eu vou te proteger com tudo o que sou.

Lágrimas brotaram nos olhos dela.

— Relda, eu quero que você fique. — Hunt puxou um longo suspiro. — Por um longo tempo, eu estive morto por dentro. Perder minha família, então tantos homens e mulheres sob meu comando ... tudo isso corroeu pedaços da minha alma até que eu estava cheio de espaços escuros. Eu tenho sobrevivido, mas não estou realmente vivendo.

Ela mordeu o lábio, queria puxar a cabeça dele contra o peito e segurá-lo. — Hunt …

— Shh, ainda não terminei. — Ele pressionou as mãos sobre as dela. — Você me trouxe de volta à vida. Um olhar para você e toda essa cor vibrante colidiu com meu mundo cinza.

Ela suspirou. Poderia o homem ser mais perfeito?

— Todas as conversas com você me intrigaram. Toda vez que eu te via de longe no mercado, rindo ou flertando, você me atraia. Assistir você com aquelas garotas que você diz que não ama, me fez começar a me apaixonar um pouco por você. E então, quando finalmente tive você em meus braços, bem … — ele sorriu — Eu realmente senti como se você tivesse me trazido de volta à vida.

Seus lábios se contraíram. — Você destruiu completamente minha imagem do soldado forte e silencioso. Você diz coisas maravilhosas.

Ela se agarrou a ele.

— Fique.

Apenas uma palavra simples. Mas estava cheio de tanto. Para Relda, era o risco final, o último ato de confiança.

E ela confiava nesse homem. Com seu corpo, sua vida e, mais importante, ela sabia que podia confiar nele com seu coração.

— Sim.

Com um sorriso selvagem, ele a puxou para frente, sua boca tomando a dela. O beijo foi duro e frenético, línguas deslizando, como se estivessem tentando devorar um ao outro.

Então amoleceu, a mão de Hunt deslizando em seu cabelo. Ela se moveu sobre ele, segurando-o o mais próximo possível. Ela não planejava deixar este homem ir. Nunca.

Quando Relda se afastou para respirar, viu sua aura brilhando ao redor dele, todos aqueles azuis que ela podia encarar o dia todo. E no centro disso tudo, ela viu uma nova cor, violeta. A cor de um amor profundo e verdadeiro. Um brilho quente a encheu.

Então ela sentiu a pontada de energia quando uma previsão se fechou sobre ela.

Foi apenas um flash. Uma imagem pequena e breve.

De Hunt sentado no mesmo sofá. Embalando uma menina em seus braços. Uma garota com um emaranhado selvagem de cachos castanhos e olhos azuis.

A dor mais doce perfurou o peito de Relda. Seus sonhos profundos e não falados estavam se tornando realidade.

Hunt endireitou-se. — O que é?

Ela começou a desabotoar os botões da camisa dele. — Eu só tive uma pequena visão do futuro. Nosso futuro.

— E?

— Bem, em primeiro lugar, posso dizer que você está prestes a ter muita sorte, Marshal Calder.

Ele ajudou-a a tirar a camisa, deixando o peito musculoso nu para as mãos. — Eu já tenho, Srta. Dela-Cruz.

Ela pressionou seus lábios nos dele. — E o nosso futuro está parecendo incrível.

~ Documento Oficial ~

Galactic Broadcasting Corporation (GBC)

Atualização diária de notícias - # 3456798011

Assunto: Colisão de Starship no Souk Spaceport

O acidente de um cruzeiro de luxo no Souk Spaceport tem muitos momentos confusos. Os motores do cruiser aparentemente superaqueceram enquanto o navio tentava decolar ilegalmente do espaçoporto.

Uma cápsula de fuga foi ejetada da nave e tentou escapar, mas estranhamente, a cápsula sofreu algum tipo de defeito e caiu de volta à superfície. Ainda mais estranho, o casulo não sofreu nenhum dano por impacto [clique aqui para imagens exclusivas do casulo]. Testemunhas, a maioria delas detentoras do mercado de Medina, foram entrevistadas pelo GBC. Tudo confirmou que a capsula simplesmente fez um pouso de sorte e nada de extraordinário estava envolvido.

O Gabinete do Marshal recusou-se a comentar sobre o evento, exceto para confirmar que o proprietário do cruzeiro, Timothy Li, foi preso e levado sob custódia sob a acusação de agressão e sequestro de um estande feminino no mercado.

Fique ligado no GBC para mais atualizações sobre as notícias do Soukan e para o primeiro em quebrar as novidades da galáxia.